



MONITORIZAÇÃO AGROMETEOROLÓGICA E HIDROLÓGICA

31 de março de 2021

Ano Hidrológico 2020/2021

Relatório do Grupo de Trabalho de assessoria técnica à

Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca

Índice

1.	Nota Introdutória	6
2.	Avaliação meteorológica em março de 2021	8
2.1	Temperatura.....	8
2.1	Precipitação	9
3.	Situação de seca meteorológica.....	12
3.1.	Índice de água no solo (SMI)	12
3.2.	Índice de seca PDSI	12
3.3.	Índice de seca PDSI	14
3.4.	Evolução até ao final do próximo mês	14
3.5.	Previsão mensal do Centro Europeu de previsão do tempo a médio prazo (ECMWF).....	15
4.	Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras	16
5.	Águas Subterrâneas.....	22
6.	Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola	25
7.	Agricultura e Pecuária	33
8.	Outras Informações	38
I.	Disponibilidades hídricas <i>versus</i> necessidades.....	38
II.	Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	41
III.	Abastecimento público.....	43
IV.	Transferência do sistema Alqueva - Pedrogão	60
Anexo I	63
Anexo II	64
Anexo III	65

Índice Figuras

Figura 1. Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 71-00, mês de março (período 1931 – 2021) (Fonte: IPMA).	8
Figura 2. Anomalias da temperatura média do ar no mês de março, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1971-2000 (Fonte: IPMA).	8
Figura 3. Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 31 de março de 2021 em Portugal Continental (Fonte: IPMA).	9
Figura 4. Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de março, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1971-2000 (Fonte: IPMA).	10
Figura 5. Distribuição espacial da precipitação (em percentagem) em março de 2021 (lado esquerdo) e no ano hidrológico 2020/2021 (lado direito) (Fonte: IPMA).	11
Figura 6. Precipitação mensal acumulada nos anos hidrológicos 2020/21, 2019/20 e precipitação normal acumulada 1971-2000 (Fonte: IPMA)	11
Figura 7. Percentagem de água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 28 de fevereiro de 2021 (lado esquerdo) e a 31 de março de 2021 (lado direito) (Fonte: IPMA).	12
Figura 8. Distribuição espacial do índice de seca meteorológica a 28 de fevereiro de 2021 (esquerda) e a 31 de março de 2021 (direita) (Fonte: IPMA).	13
Figura 9. Distribuição espacial do índice de seca SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses, no final de março de 2021 (Fonte: IPMA).	14
Figura 10. Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de abril de 2021 (Fonte: IPMA).	15
Figura 11. Armazenamento total por Bacia Hidrográfica em março de 2021, armazenamento médio no mês de março (1990/91 a 2019/20) e níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 31 de março. (Fonte: APA).	16
Figura 12. Situação das albufeiras a 28 de fevereiro e a 31 de março de 2021 (Fonte: APA).	17
Figura 13. Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, desde 31 de outubro de 2020 até 31 de março de 2021, e a média de março de 2021 (Fonte: APA).	18
Figura 14. Evolução dos volumes armazenados na bacia hidrográfica das Ribeiras do Oeste comparativamente à média mensal calculada para o período (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA).	19
Figura 15. Evolução dos volumes armazenados na bacia hidrográfica do Tejo comparativamente à média mensal calculada para o período (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA).	19
Figura 16. Evolução dos volumes armazenados na bacia hidrográfica do Sado comparativamente à média mensal calculada para o período (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA).	20

Figura 17. Evolução dos volumes armazenados na bacia hidrográfica do Guadiana comparativamente à média mensal calculada para o período (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA).....	20
Figura 18. Evolução dos volumes armazenados na bacia hidrográfica do Mira comparativamente à média mensal calculada para o período (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA).....	20
Figura 19. Evolução das reservas hídricas subterrâneas observadas nos meses de fevereiro e de março de 2021 (Fonte: APA).	22
Figura 20. Localização dos aproveitamentos hidroagrícolas monitorizados pela DGADR (Fonte: DGADR).	25
Figura 21. Histograma do volume total armazenado nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas em março de 2021 (Fonte: DGADR).	26
Figura 22. Evolução semanal percentual dos volumes armazenados úteis dos aproveitamentos hidroagrícolas das bacias hidrográficas Douro e Vouga, Mondego, Tejo e Arnoia, Sado e Mira, Guadiana e Ribeiras do Algarve (Fonte: DGADR).	30
Figura 23. Volumes armazenados desde outubro 2020 e a média calculada para o período 1990/91 a 2019/20, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA)	38
Figura 24. Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira do Monte da Rocha considerando a estimativa dos consumos e evaporação até dezembro de 2021 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano). (Fonte: APA)	39
Figura 25. Volumes armazenados desde outubro de 2020 e a média calculada para o período 1967/2018 na albufeira do Caia (Fonte: APA).	39
Figura 26. Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira do Caia considerando a estimativa dos consumos e evaporação até dezembro de 2021 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano) (Fonte: APA).	40
Figura 28. Número de abastecimentos públicos no período de abril de 2020 a março 2021 (Fonte: ANEPC).....	41
Figura 29. Volume armazenado (valores médios) a 31/03 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2018 e 2021. (Fonte: AdP).....	43

Índice tabelas

Tabela 1. Resumo da monitorização em situação normal	6
Tabela 2. Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2020 e de março de 2021 (Fonte: IPMA)	13
Tabela 3. Armazenamentos nas albufeiras em março, tendências evolutivas e previsões para a campanha	28
Tabela 4. Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (26 de março de 2021), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: DRAPN)	31
Tabela 5. Disponibilidade de água nas albufeiras Grupo IV (31 de março de 2021), de aproveitamentos hidroagrícolas (Fonte: DRAP Centro)	32
Tabela 6. Resumo do ponto de situação: volume armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público, março de 2021 (Fonte: AdP)	43
Tabela 7. Ponto de situação das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público: volume armazenado (hm ³ e %) (entre março de 2018 e 2021) (Fonte: AdP)	44
Tabela 8. Síntese das povoações incluídas no sistema da Águas Publicas do Alentejo com abastecimento por autotanque (Fonte: AgdA) e respetivo ponto de situação de medidas estruturantes em curso.	47
Tabela 9. Volumes de Água Captados nas Origens de Água do SMAASA, para o Abastecimento Público no ano hidrológico de 2020-2021 (Fonte: AdA)	50
Tabela 10. Evolução dos volumes mensais de água armazenada nas albufeiras do SMAASA, entre 31 de março de 2020 e 31 de março de 2021 (Fonte: AdA)	51
Tabela 11. Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão a 31 de março de 2021 (Fonte: EDIA).....	60
Tabela 12. Volumes mensais (hm ³) de água transferidos do sistema Alqueva-Pedrogão em 2021 (Fonte: EDIA)	61

1. Nota Introdutória

O presente relatório foi elaborado com o objetivo de assegurar uma Monitorização Agrometeorológica e Hidrológica, para que fique reunida a informação suficiente para avaliação das disponibilidades hídricas em Portugal Continental.

Esta monitorização consta da compilação dos parâmetros acompanhados pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (IPMA), pelo Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), em ligação com as Direções Regionais de Agricultura e Pescas (DRAP) e com Instituto Nacional de Estatística (INE), pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), pela Autoridade Nacional Emergência Proteção Civil (ANEPC), pela Águas de Portugal (AdP) e ainda com a informação disponibilizada pela Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA), Tabela 1.

Tabela 1. Resumo da monitorização em situação normal

Parâmetro	Organismo	Periodicidade
Precipitação, Teor de Água no Solo, Temperatura do ar e Previsões meteorológicas (temperatura e precipitação)	IPMA	Mensal
Agricultura de Sequeiro e Pecuária Extensiva	GPP/DRAP/INE	Mensal
Armazenamento de Água Subterrânea	APA	Mensal
Armazenamento de Água Superficial (albufeiras)	APA	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras dos Aproveitamentos Hidroagrícolas Grupo 2 e algumas do Grupo 3	DGADR	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras utilizadas para produção de água para abastecimento público	AdP	Mensal
Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	ANEPC	Mensal
Transferências do sistema Alqueva-Pedrogão	EDIA	Mensal

A presente abordagem está prevista no Plano de Prevenção, Monitorização e Contingência para Situações de Seca, aprovado pela Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca (CPPMAES), criada pela Resolução de Conselho de Ministros nº 80/2017, de 7 de junho.

Este diploma criou também um Grupo de Trabalho com o objetivo de assessorar tecnicamente a Comissão, que tem, de entre outras, a função de:

“Produzir relatórios mensais de monitorização dos fatores meteorológicos e humidade do solo, das atividades agrícolas e dos recursos hídricos, cuja periodicidade deve ser intensificada quando seja detetada uma situação de anomalia ou declarada uma situação de seca, sendo que nestas situações os relatórios passam também a incluir as estimativas de consumo ou utilização pelas principais atividades,

nomeadamente o abastecimento público, a agricultura, a produção de energia e a indústria com maiores consumos de água.”

Nos relatórios poderão ser sempre incluídos temas que seja oportuno dar a conhecer, sejam de caracterização das condições, sejam de divulgação de recomendações ou de decisões técnicas e políticas assumidas.

Essas vertentes enquadrar-se-ão no referido Plano, que, apresentando-se estruturado em três eixos de atuação - Prevenção, Monitorização e Contingência - contempla temas como a determinação de limiares de alerta, a definição de metodologias para avaliação do impacto dos efeitos de uma seca, a conceção de manuais de procedimentos para padronização da atuação, a disponibilização de planos de contingência e a preparação prévia de medidas para mitigação de efeitos da seca.

Este relatório de monitorização agrometeorológica e hidrológica, relativo a 31 de março do ano em curso, é o quinquagésimo terceiro produzido no contexto legislativo referido e o sexto do ano hidrológico em curso (2020/2021).

2. Avaliação meteorológica em março de 2021

2.1 Temperatura

O mês de março, em Portugal continental, classificou-se como quente e muito seco, Figura 1.

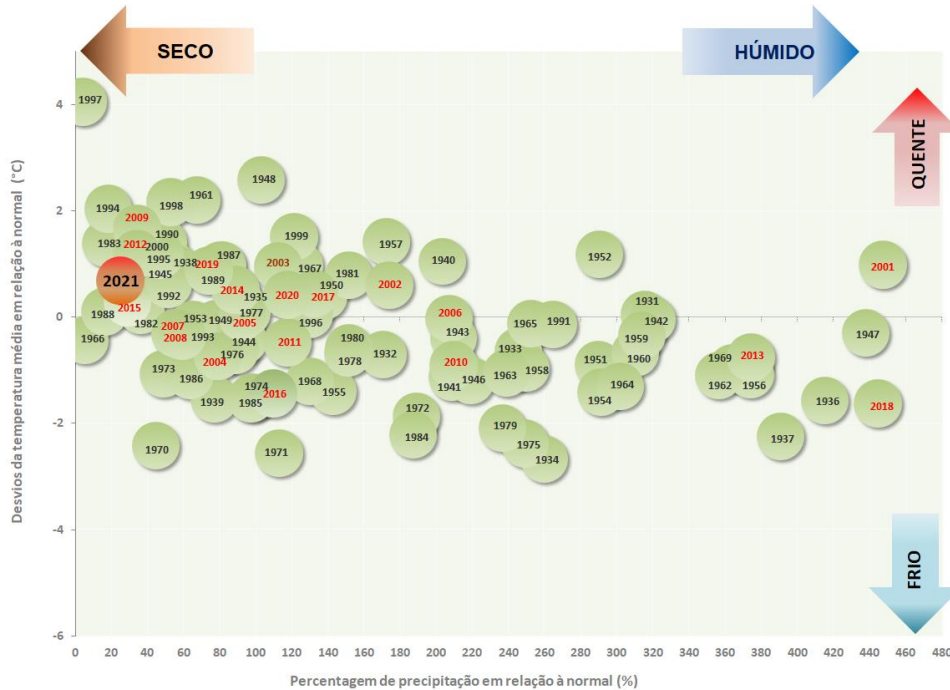


Figura 1. Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 71-00, mês de março (período 1931 – 2021) (Fonte: IPMA).

O valor médio de temperatura média do ar, 12.57 °C, foi 0.66 °C superior ao valor normal 1971-2000, Figura 2.

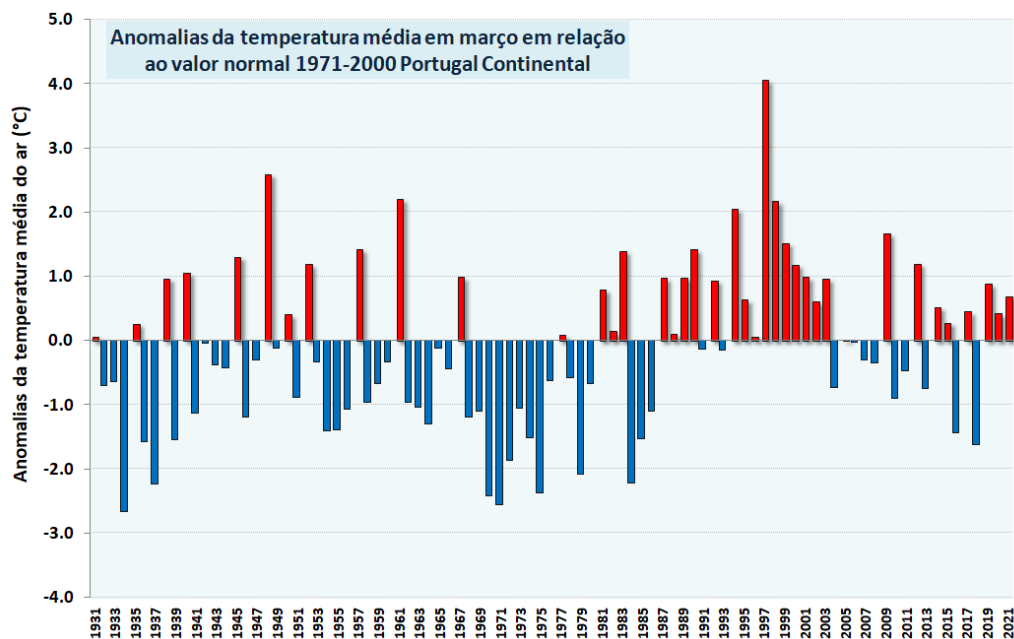


Figura 2. Anomalias da temperatura média do ar no mês de março, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1971-2000 (Fonte: IPMA).

O valor médio de temperatura máxima do ar, 18.65 °C, foi superior à normal, +1.65 °C, sendo o 5º maior valor desde 2000 (mais alto em 2009: 19.91 °C); o valor médio de temperatura mínima do ar, 6.49 °C, foi inferior ao valor normal com uma anomalia de -0.34 °C.

De destacar (Figura 3) ao longo do mês:

- Valores de temperatura máxima superiores à normal mensal entre 14 e 18 e a partir de dia 22, sendo de realçar os dias 28 e 31 com desvios > +6 °C;
- Valores de temperatura mínima inferiores à normal mensal nos dias 9, 10, 13 a 15 e 19 a 26;
- Valores de temperatura mínima do ar muito superiores à normal nos dias 29 a 31.

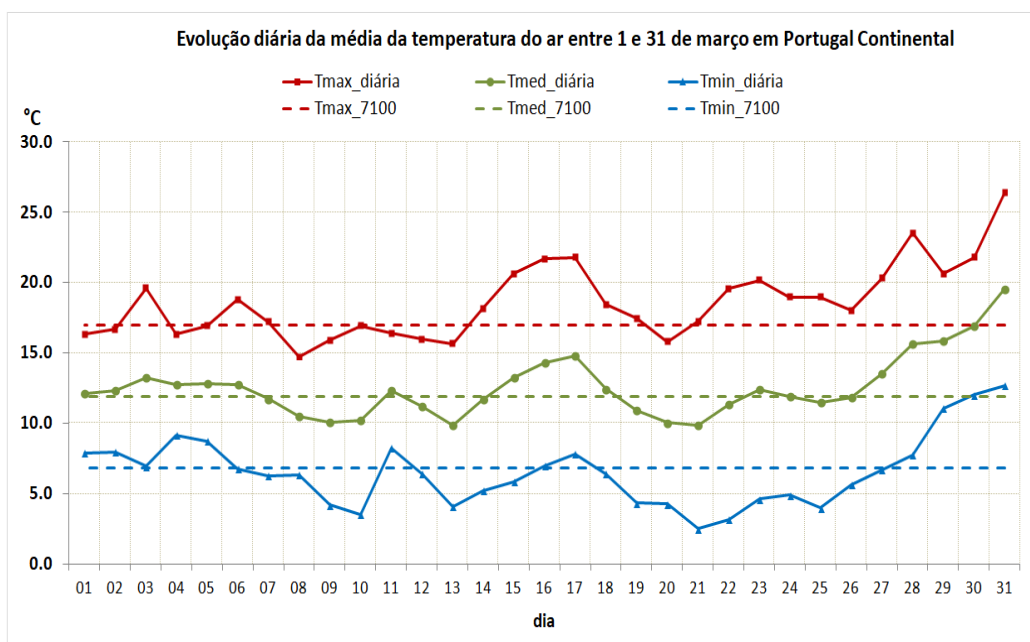


Figura 3. Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 31 de março de 2021 em Portugal Continental (Fonte: IPMA).

2.1 Precipitação

O valor médio da quantidade de precipitação em março, 15.3 mm, foi muito inferior ao valor normal 1971-2000 com um desvio de -45.9 mm (Figura 4). Durante o mês não ocorreu precipitação em todo o território, exceto nos dias 4, 5, 11 e 12.

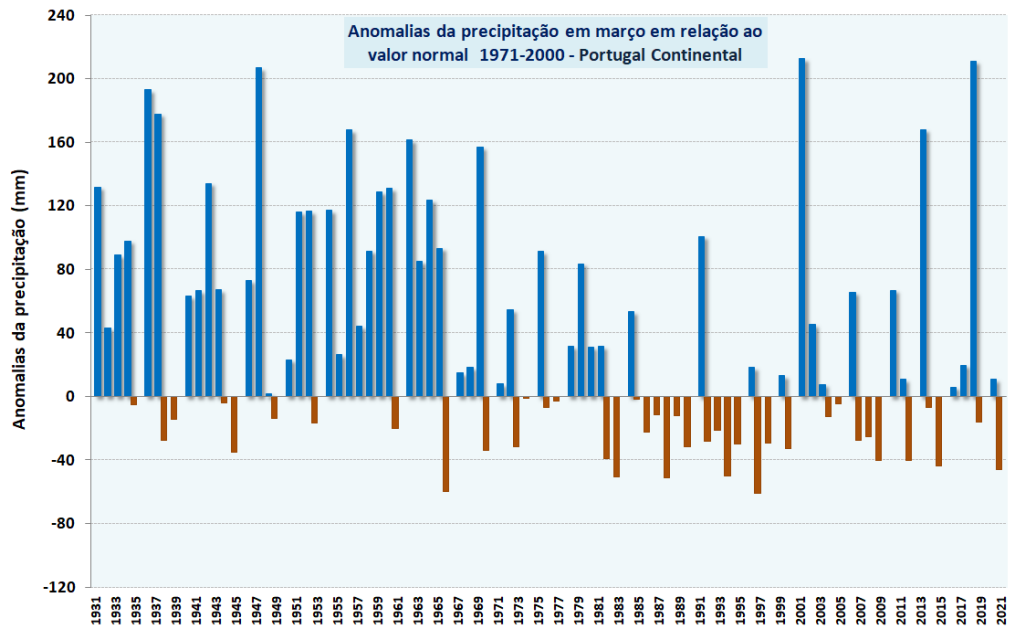


Figura 4. Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de março, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1971-2000 (Fonte: IPMA).

Em termos de distribuição espacial, os valores de precipitação foram inferiores ao valor normal em quase todo o território e em particular nas regiões do Norte e Centro e no Barlavento Algarvio (inferiores a 25% do valor normal). Apenas na parte sul do distrito de Santarém se verificaram valores médios mensais superiores ao valor normal.

Os valores de percentagem de precipitação em março, em relação ao valor médio, variaram entre 1.5 % em Figueira C. Rodrigo e 131 % em Coruche (Figura 5, esquerda).

Em relação ao ano hidrológico 2020/2021 verifica-se que o valor médio da quantidade de precipitação desde 1 de outubro 2020 a 31 de março de 2021, 615.9 mm, corresponde a 98 % do valor médio 1971-2000.

Em termos espaciais, os valores da quantidade de precipitação acumulada são próximos ou superiores ao valor normal em grande parte do território, sendo inferiores em alguns locais do distrito de Castelo Branco, do Vale do Tejo e do Baixo Alentejo e em toda a região do Algarve (Figura 5, direita).

Os valores da percentagem de precipitação variaram entre 74 % em V. R. Sto. António e 151 % em Miranda do Douro.

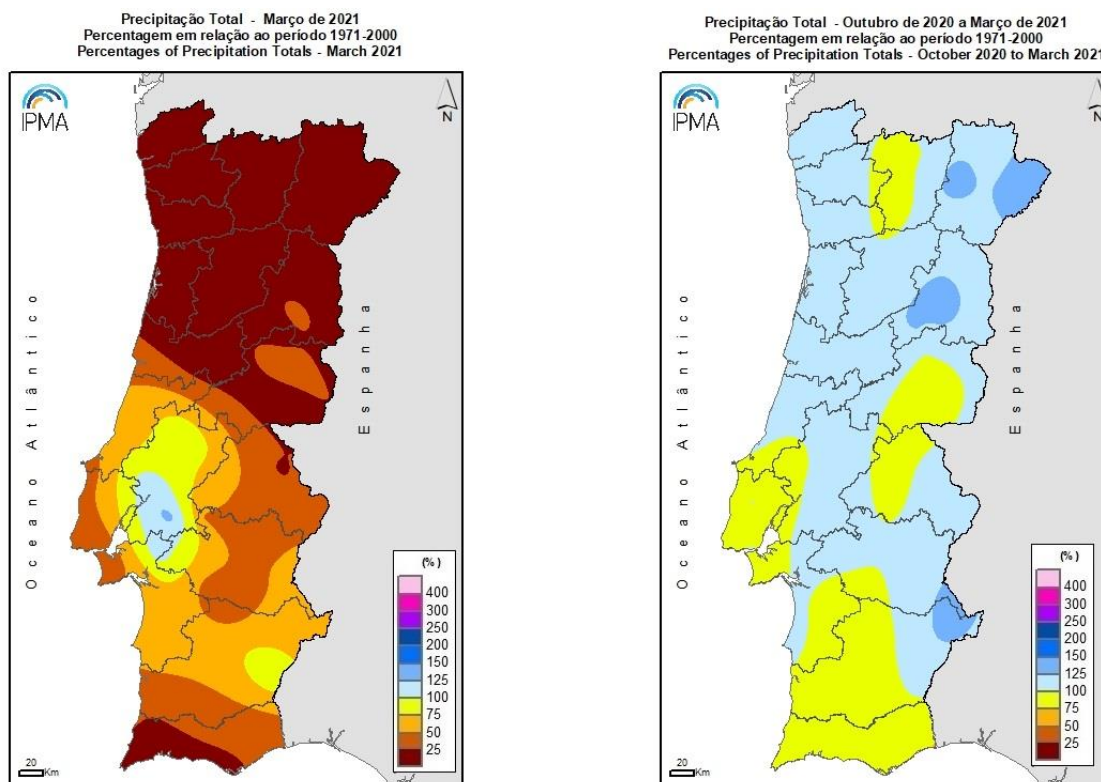


Figura 5. Distribuição espacial da precipitação (em percentagem) em março de 2021 (lado esquerdo) e no ano hidrológico 2020/2021 (lado direito) (Fonte: IPMA)

Na Figura 6 apresenta-se a evolução dos valores de precipitação mensal no presente ano hidrológico (2020/2021), no ano hidrológico anterior (2019/2020) e a precipitação normal acumulada 1971-2000. O valor de precipitação acumulado desde o início do ano hidrológico está muito próximo do valor médio 1971-2000.

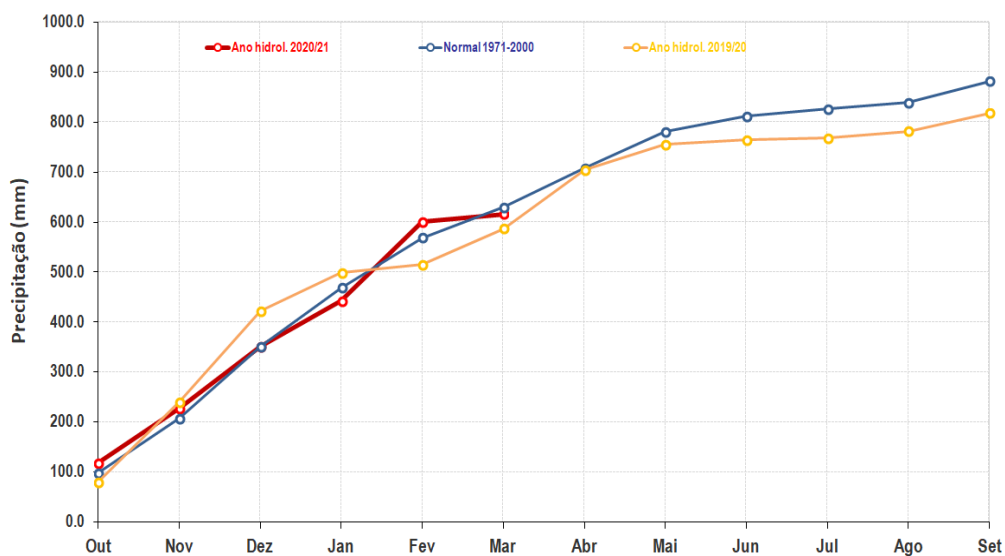


Figura 6. Precipitação mensal acumulada nos anos hidrológicos 2020/21, 2019/20 e precipitação normal acumulada 1971-2000 (Fonte: IPMA)

3. Situação de seca meteorológica

3.1. Índice de água no solo (SMI)

Na Figura 7 apresenta-se o índice de água no solo¹ (AS) a 28 de fevereiro e a 31 de março.

Verificou-se, em relação ao final de fevereiro, uma diminuição significativa dos valores de percentagem de água no solo em todo o território.

Os valores de percentagem de água no solo são inferiores a 80 % na generalidade das regiões, sendo de destacar alguns locais do Baixo Alentejo com valores inferiores a 40%.

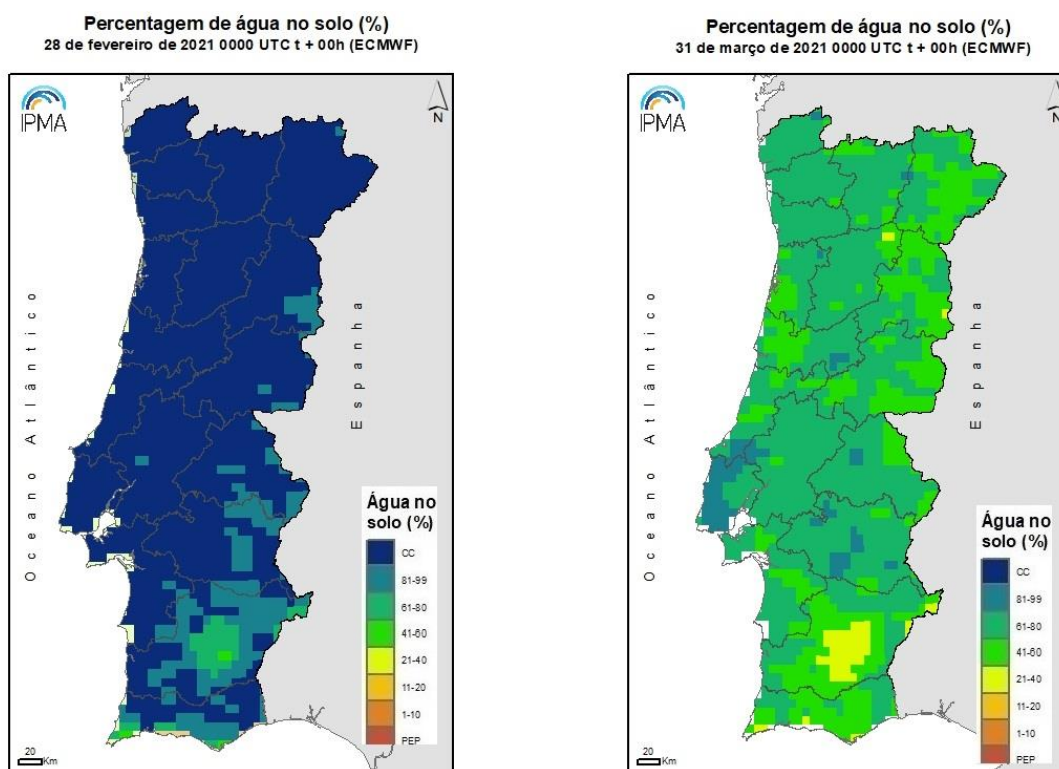


Figura 7. Percentagem de água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 28 de fevereiro de 2021 (lado esquerdo) e a 31 de março de 2021 (lado direito) (Fonte: IPMA).

3.2. Índice de seca PDSI

De acordo com o índice PDSI², no final de março algumas regiões do território voltaram a estar na classe de seca fraca, nomeadamente alguns locais do Vale do Douro, do Vale do Tejo, do Alentejo e toda a região do Algarve.

¹ Produto *soil moisture index (SMI)* do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF), considera a variação dos valores de percentagem de água no solo, entre o ponto de emurchecimento permanente (PEP) e a capacidade de campo (CC) e a eficiência de evaporação a aumentar linearmente entre 0% e 100%. A cor laranja escuro quando $AS \leq PEP$; entre o laranja e o azul considera $PEP < AS < CC$, variando entre 1% e 99%; e azul escuro quando $AS > CC$.

² **PDSI** - Palmer Drought Severity Index - Índice que se baseia no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo; permite detetar a ocorrência de períodos de seca e classifica-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema).

A distribuição percentual por classes do índice PDSI no território é a seguinte: 0.6 % chuva fraca, 81.3 % normal e 18.1 % seca fraca.

Na Figura 8 a distribuição espacial do índice de seca meteorológica a 28 de fevereiro e a 31 de março de 2021.

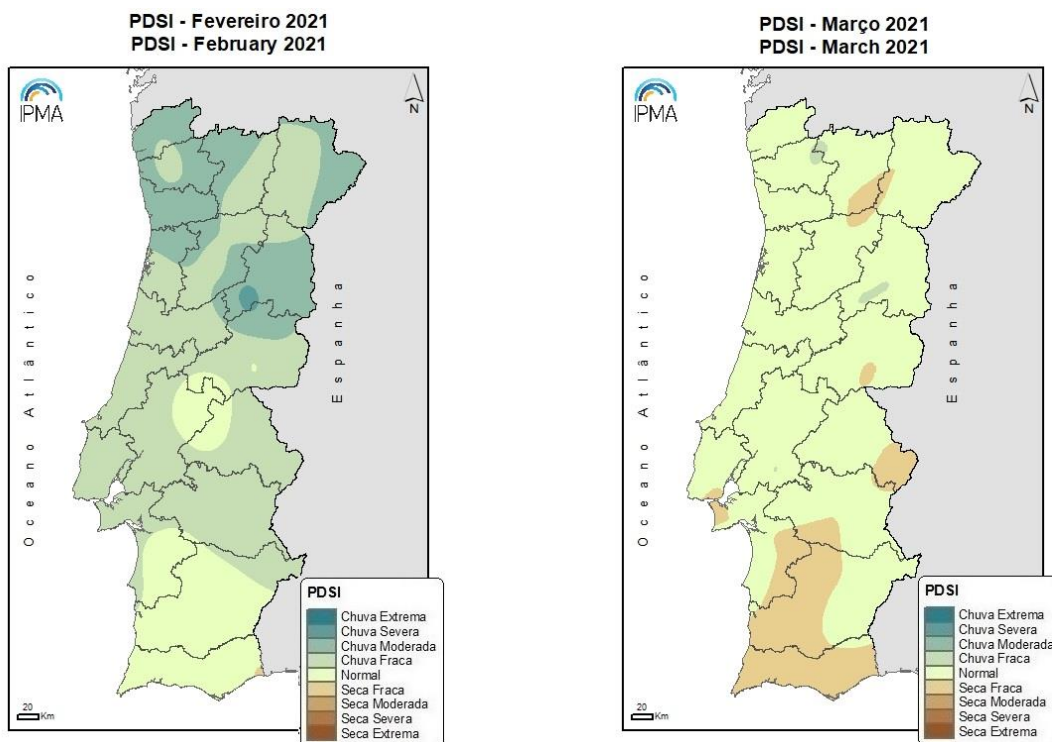


Figura 8. Distribuição espacial do índice de seca meteorológica a 28 de fevereiro de 2021 (esquerda) e a 31 de março de 2021 (direita) (Fonte: IPMA).

Na Tabela 2 apresenta-se a percentagem do território nas várias classes do índice PDSI entre outubro 2020 e março de 2021.

Tabela 2. Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2020 e de março de 2021 (Fonte: IPMA)

Classes PDSI	31 Out 2020	30 Nov 2020	31 Dez 2020	31 Jan 2021	28 Fev 2021	31 Mar 2021
Chuva extrema	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Chuva severa	0.0	0.0	0.0	0.0	0.4	0.0
Chuva moderada	0.0	0.0	0.5	0.5	10.4	0.0
Chuva fraca	42.1	62.3	50.4	25.6	59.6	0.6
Normal	45.5	33.6	49.1	61.9	29.5	81.3
Seca Fraca	12.4	4.1	0.0	12.0	0.1	18.1
Seca Moderada	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Severa	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Extrema	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

3.3. Índice de seca PDSI

O índice SPI (Standardized Precipitation Index- Índice padronizado de precipitação) quantifica o défice ou o excesso de precipitação em diferentes escalas temporais³, que refletem o impacto da seca nas diferentes disponibilidades de água.

Na Figura 9 apresenta-se o SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de março. Não existe situação de seca em grande parte das bacias hidrográficas do território e em todas escalas do SPI, exceto na bacia Ribeiras do Algarve no SPI 3 meses e na Bacia do Mira no SPI 9 meses que estão na classe de seca fraca.

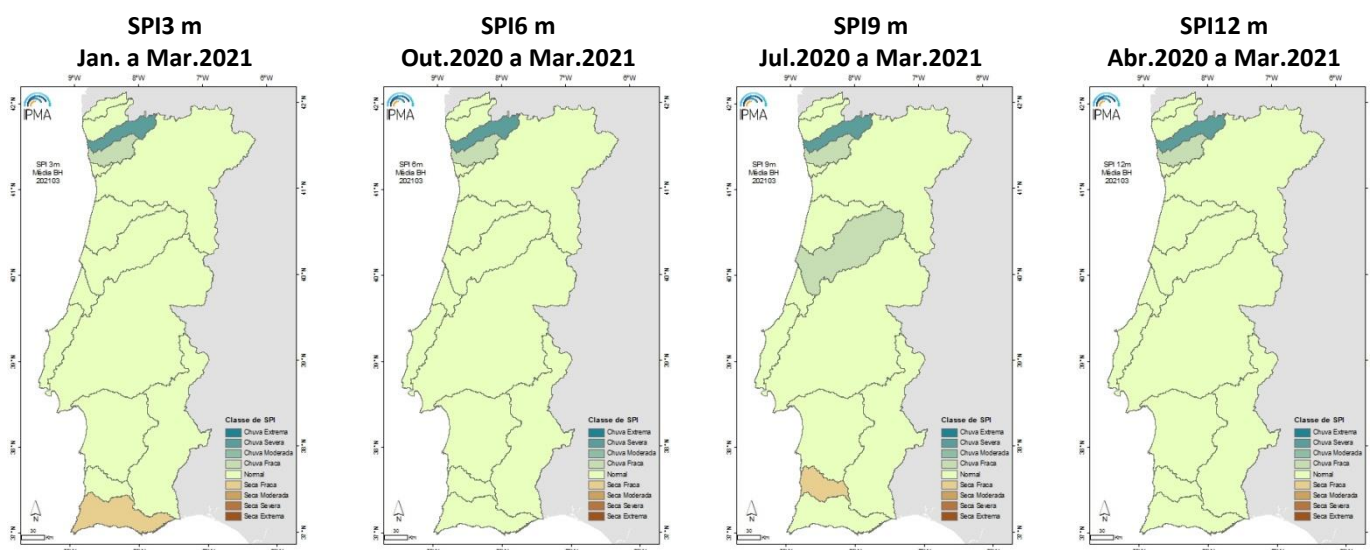


Figura 9. Distribuição espacial do índice de seca SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses, no final de março de 2021 (Fonte: IPMA).

3.4. Evolução até ao final do próximo mês

A evolução da situação de seca para o mês seguinte baseia-se na estimativa do índice PDSI, para cenários diferentes de ocorrência da quantidade de precipitação. Assim, tendo em conta a situação no final de março, consideram-se os seguintes cenários para a precipitação em abril, Figura 10:

- **Cenário 1 (2º decil - D2)** - Valores da quantidade de precipitação inferiores ao normal (valores inferiores ocorrem em 20% dos anos): aumento da área em seca meteorológica em todo o território e aumento da sua intensidade em alguns locais do Vale do Douro, do Vale do Tejo, do Alentejo e toda a região do Algarve.
- **Cenário 2 (5º decil – D5)** – Valores da quantidade de precipitação próximos do normal: situação idêntica a 31 de março.

³ As menores escalas, até 6 meses, remetem à seca meteorológica e agrícola (défice de precipitação e de humidade no solo, respetivamente), entre os 9 e os 12 meses à seca hidrológica com escassez de água refletida no escoamento superficial e nos reservatórios artificiais. As condições do estado da água no solo respondem a anomalias da precipitação numa escala temporal relativamente curta (3 a 6 meses), enquanto os fluxos de água subterrânea e os reservatórios de água respondem a anomalias de precipitação em escalas temporais mais alargadas (9, 12 meses).

- **Cenário 3 (8º decil – D8)** – Valores da quantidade de precipitação superiores ao normal (valores superiores ocorrem em 20% dos anos): sem situação de seca meteorológica em Portugal continental com aumento das classes de chuva.

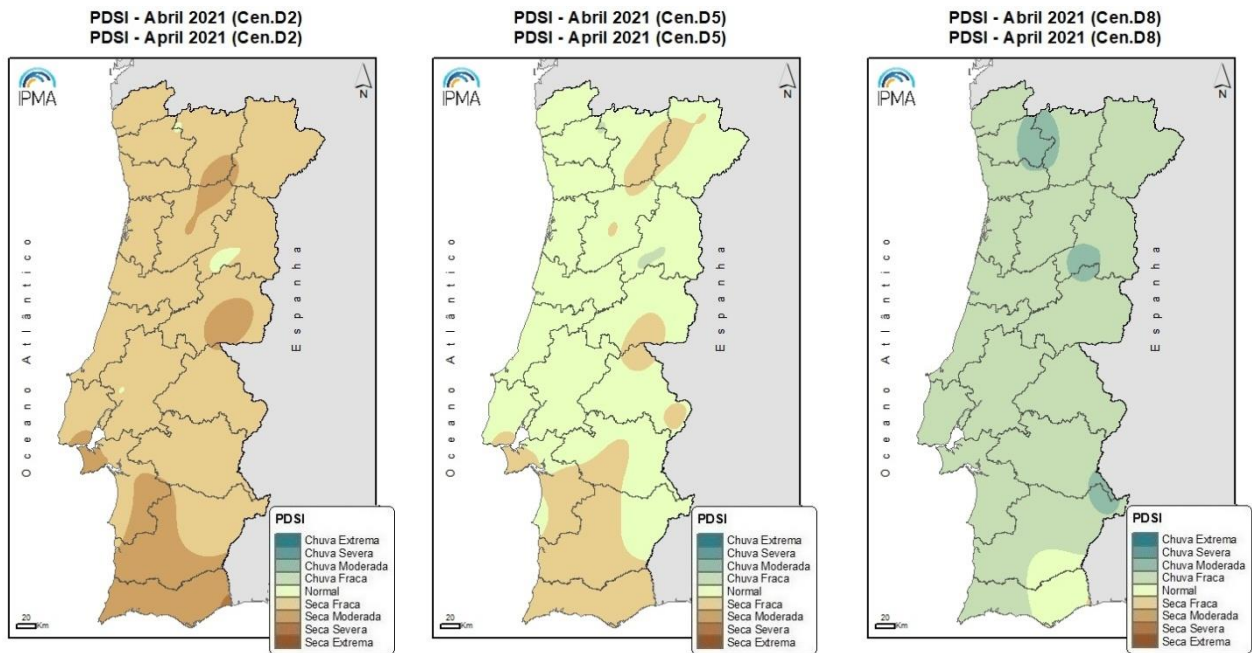


Figura 10. Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de abril de 2021 (Fonte: IPMA).

3.5. Previsão mensal do Centro Europeu de previsão do tempo a médio prazo (ECMWF)⁴

- Semana 12/04 a 18/04 – valores acima do normal (10 a 30 mm) nas regiões do Norte e Centro.
- Semana 19/04-26/04 – valores acima do normal (1 a 10 mm) na região Sul.

Tendo em conta a previsão para as próximas semanas, é provável que haja uma diminuição da percentagem do território em seca fraca no final de abril.

⁴<http://www.ipma.pt//pt/otempo/prev.longo.prazo/mensal/index.jsp?page=prev-182015.html>

4. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras

Conforme estabelecido no “Plano de Prevenção, Monitorização e Contingência para Situações de Seca”, aprovado a 19 de julho de 2017, pela Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca, criada através da RCM n.º 80/2017, de 7 de junho, a avaliação da seca hidrológica é feita em quatro momentos do ano hidrológico: 31 de janeiro, 31 de março, 31 maio e 30 de setembro.

Da avaliação realizada em março de 2021, conclui-se que as bacias do Mira e das Ribeiras do Barlavento apresentam percentagens de armazenamento abaixo dos níveis definidos para o Nível H.3, continuando em situação de seca hidrológica. As restantes bacias, com exceção do Ave, do Mondego, apresentam níveis de armazenamento acima da média observada para março, no período 1990/91 a 2019/20, Figura 11.

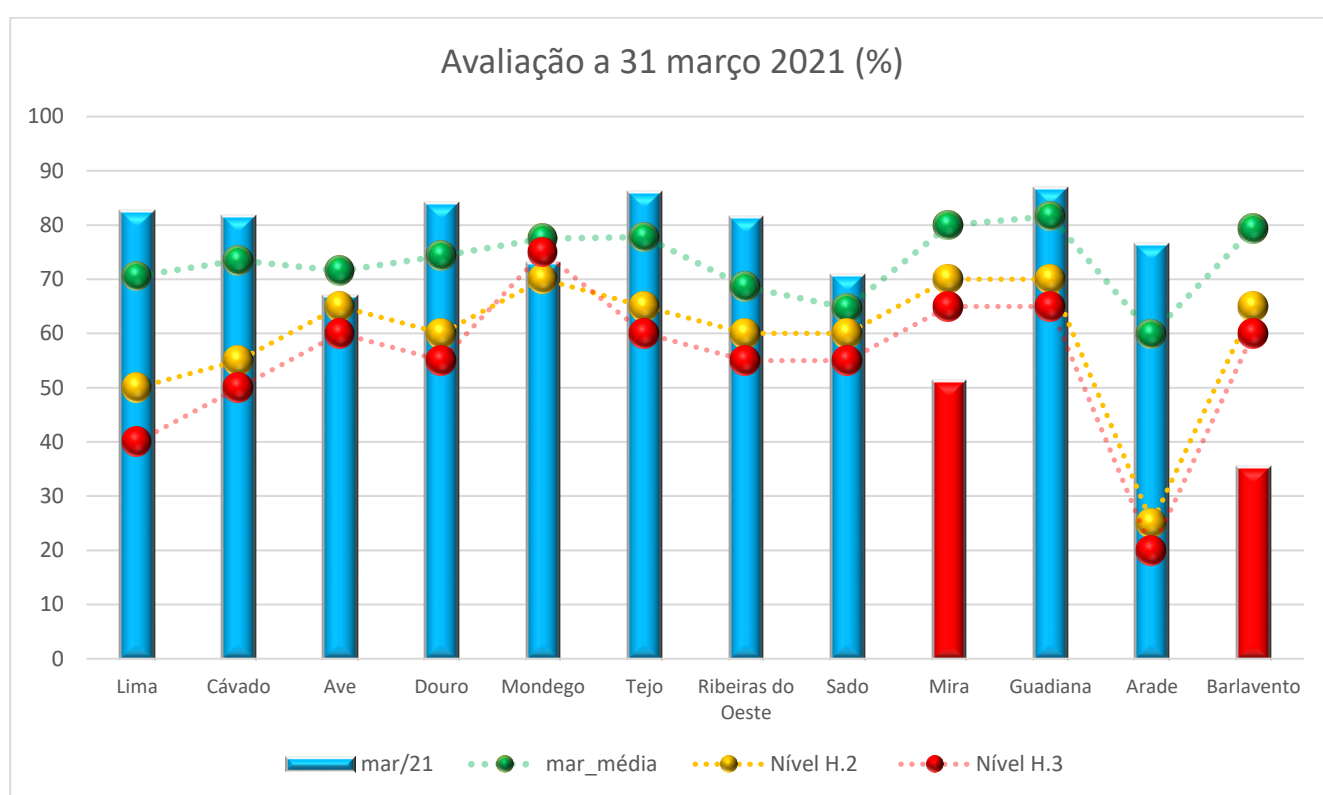


Figura 11. Armazenamento total por Bacia Hidrográfica em março de 2021, armazenamento médio no mês de março (1990/91 a 2019/20) e níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 31 de março. (Fonte: APA).

No último dia do mês de março de 2021 e comparativamente ao último dia do mês anterior, verificou-se um aumento do volume armazenado em seis bacias hidrográficas e descida em seis, Figura 12.

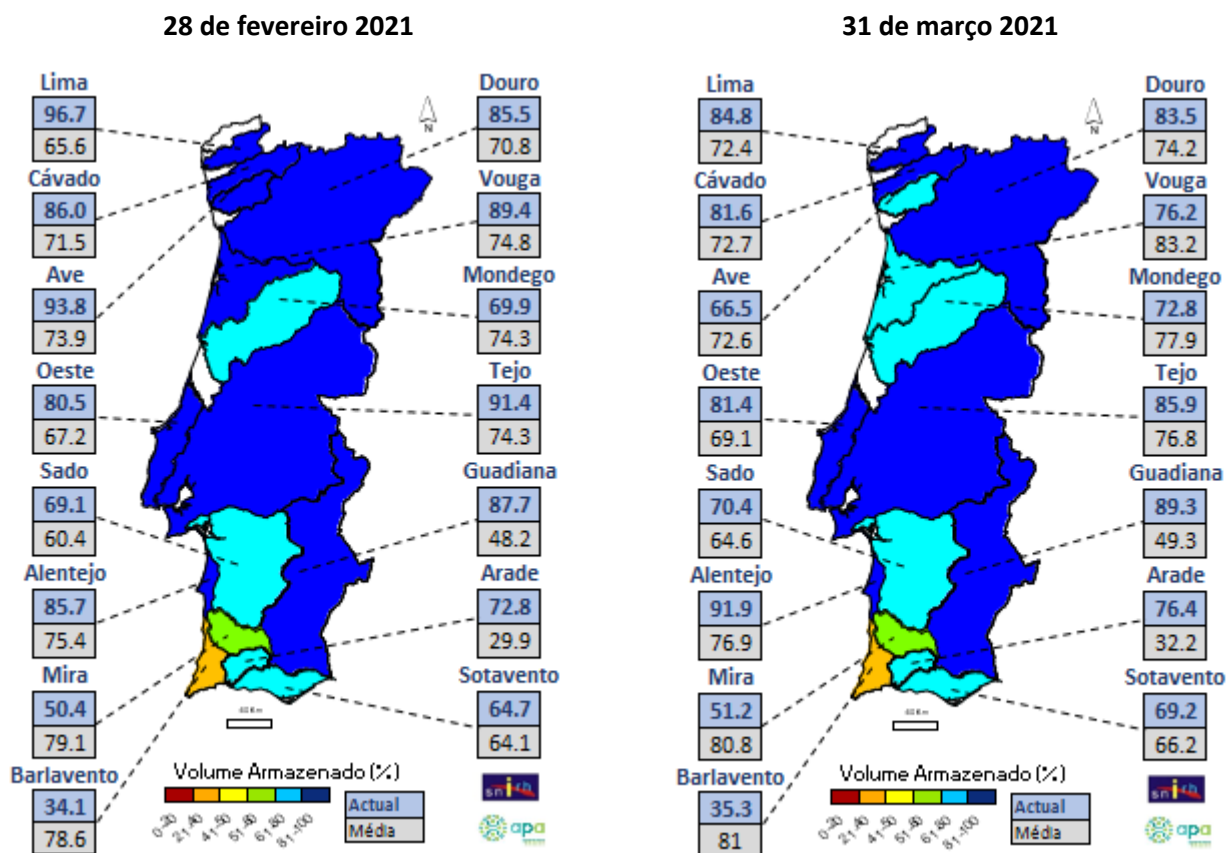


Figura 12. Situação das albufeiras a 28 de fevereiro e a 31 de março de 2021 (Fonte: APA).

Os armazenamentos em março de 2021 por bacia hidrográfica apresentam-se superiores às médias de armazenamento de março (1990/91 a 2019/20), exceto para as bacias do Ave, do Mondego, do Mira e das Ribeiras do Algarve. Comparativamente aos valores observados desde final de outubro de 2020, é possível verificar que todas as bacias apresentaram disponibilidades hídricas totais superiores, Figura 13. A precipitação ocorrida desde outubro tem permitido a subida dos volumes armazenados, apesar de nas bacias críticas os valores continuarem, ainda, longe dos valores médios para o período de referência 1990/91 a 2019/20. A subida mais significativa relativamente aos volumes armazenados em outubro de 2020 (início do ano hidrológico) foi nas bacias do Lima, do Ave, das Ribeiras do Oeste, do Sado, do Guadiana e do Barlavento.

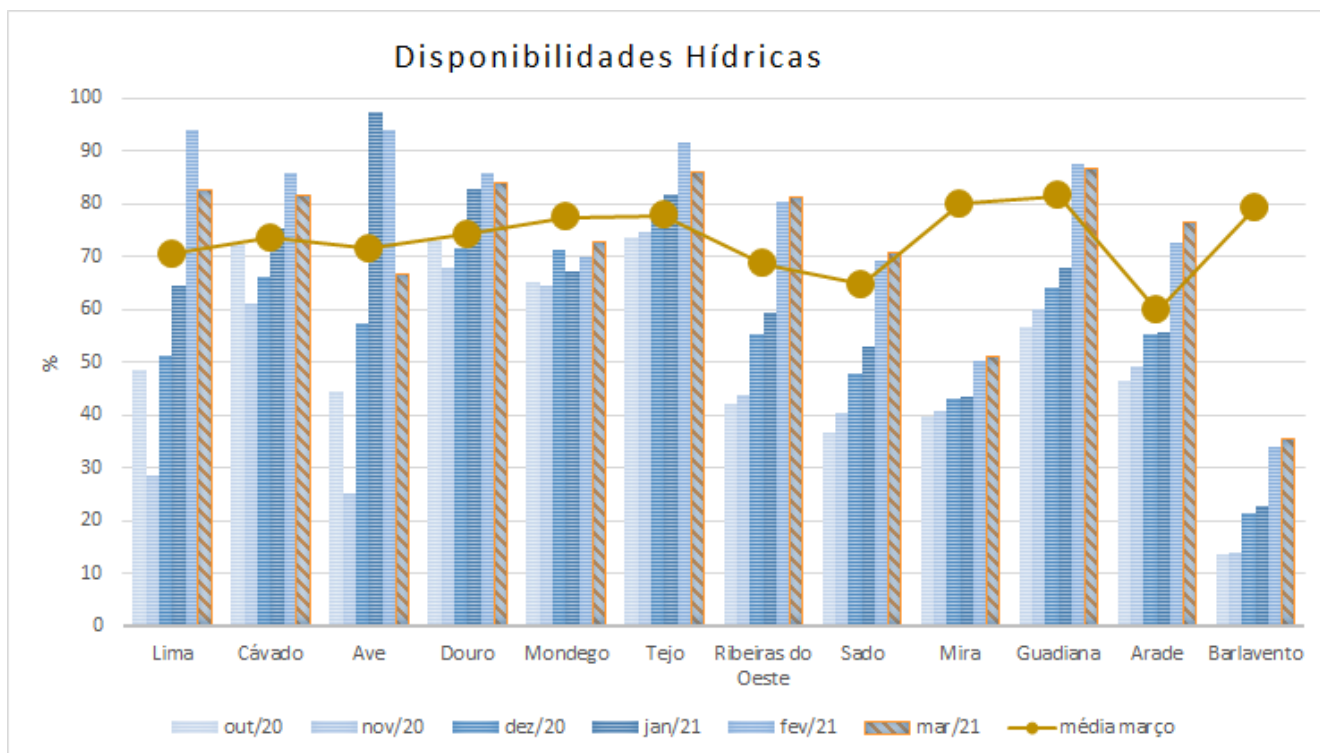


Figura 13. Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, desde 31 de outubro de 2020 até 31 de março de 2021, e a média de março de 2021 (Fonte: APA).

Das 60 albufeiras monitorizadas em março do corrente ano, 33 apresentam disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total e quatro têm disponibilidades inferiores a 40% do volume total. As albufeiras que apresentam volumes totais inferiores a 40% correspondem a cerca de 7% do universo das albufeiras monitorizadas e localizam-se:

- Bacia do Sado – Fonte Serne (30,8 %), Monte Rocha (33,5 %) e Campilhas (34,8 %);
- Bacia do Barlavento – Bravura (35,3 %).

A 31 de março as bacias do Lima, do Cávado, do Douro, do Tejo, das Ribeiras do Oeste e do Guadiana apresentam níveis de armazenamento superiores a 80%.

As bacias do Ave, do Mondego, do Sado, do Mira e do Arade apresentam níveis de armazenamento superiores a 50%, no entanto, algumas das albufeiras apresentam valores inferiores a 40%.

Apenas a bacia das Ribeiras do Barlavento apresentam níveis de armazenamento inferiores a 40%.

Na Figura 14 é possível observar o afastamento significativo da evolução do armazenamento na bacia das **Ribeiras do Oeste** registado desde outubro de 2019 e janeiro de 2021 e a significativa recuperação verificada em novembro e dezembro de 2020, quando comparados com os valores médios dos últimos 29 anos.

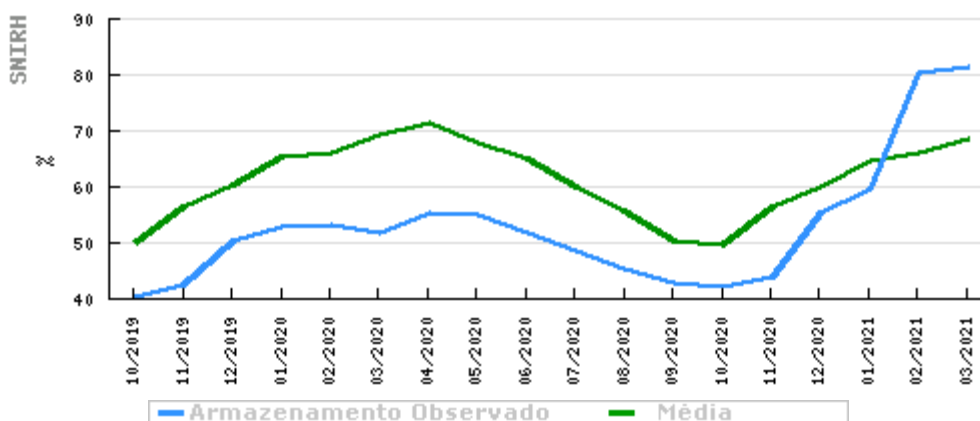


Figura 14. Evolução dos volumes armazenados na bacia hidrográfica das Ribeiras do Oeste comparativamente à média mensal calculada para o período (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA)

Na bacia do **Tejo** a percentagem de armazenamento total no presente ano hidrológico, após a subida exponencial dos valores de armazenamento total observado em dezembro de 2019, tem-se mantido acima dos valores médios, Figura 15.

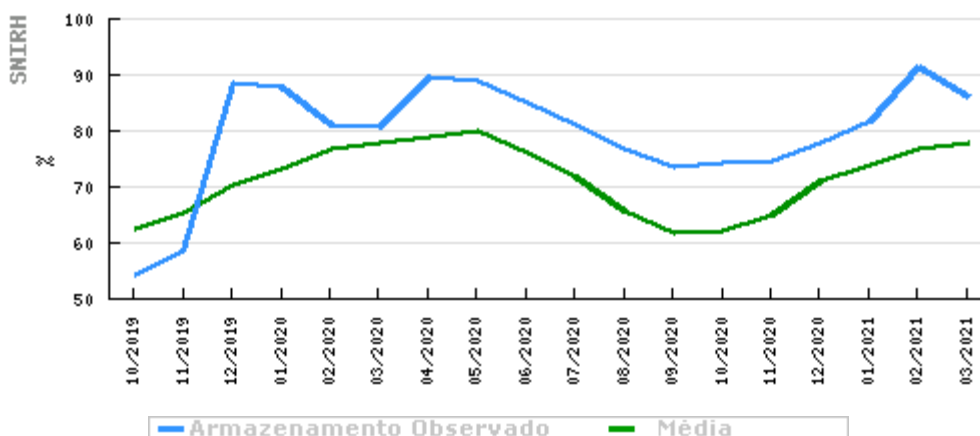


Figura 15. Evolução dos volumes armazenados na bacia hidrográfica do Tejo comparativamente à média mensal calculada para o período (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA).

A bacia do **Sado** apresentou, no mês de fevereiro, uma subida exponencial das disponibilidades hídricas totais armazenadas, tendo ultrapassado os valores médios dos últimos 29 anos, Figura 16. No entanto, a albufeira do Monte da Rocha continua numa situação sob vigilância, sem ligação ao sistema Alqueva.

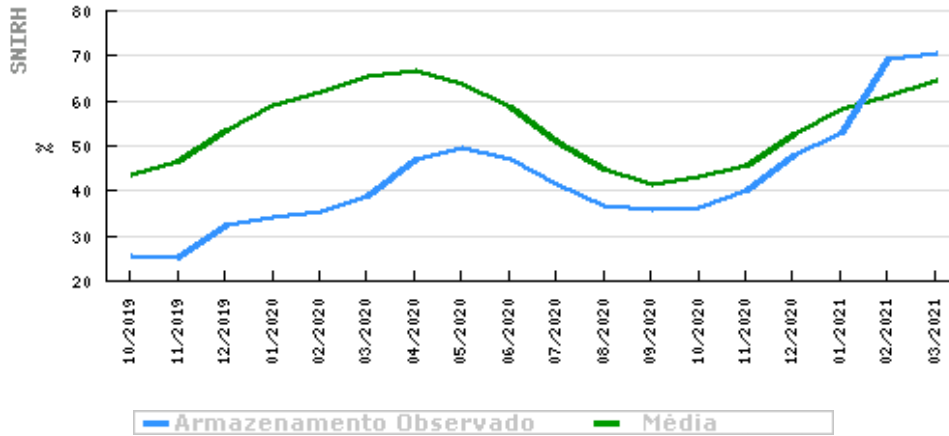


Figura 16. Evolução dos volumes armazenados na bacia hidrográfica do Sado comparativamente à média mensal calculada para o período (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA).

A precipitação ocorrida desde o início do ano hidrológico possibilitou, na bacia do **Guadiana**, que o armazenamento total excedesse média histórica, Figura 17.

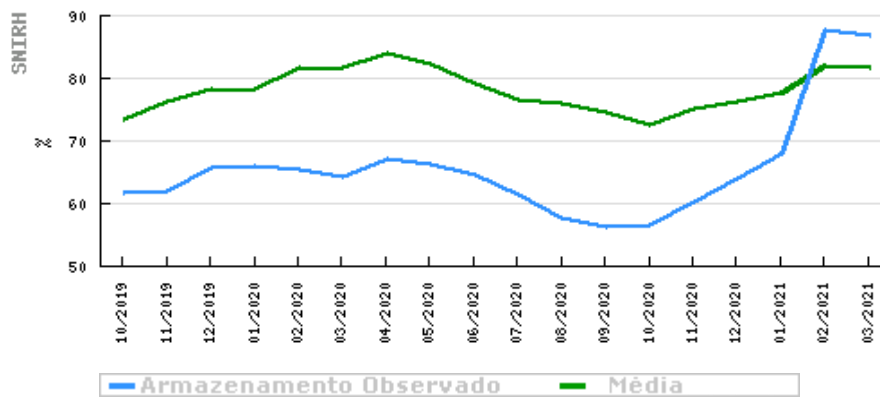


Figura 17. Evolução dos volumes armazenados na bacia hidrográfica do Guadiana comparativamente à média mensal calculada para o período (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA).

Na Figura 18, observa-se que a percentagem de armazenamento na bacia do **Mira** mantém-se muito distante dos valores médios dos últimos 29 anos.

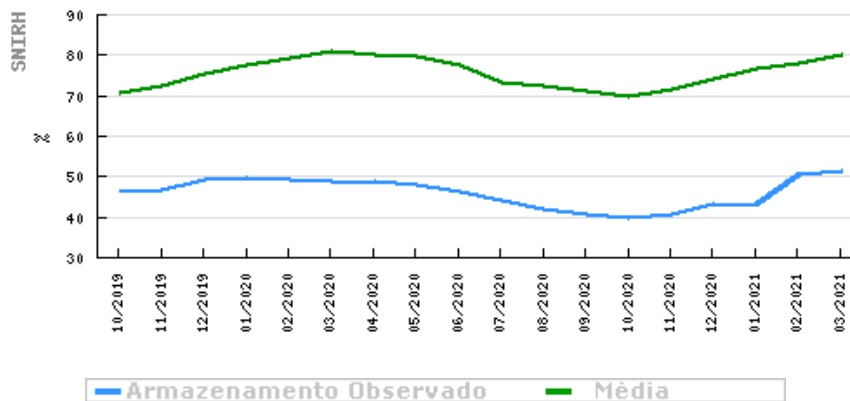


Figura 18. Evolução dos volumes armazenados na bacia hidrográfica do Mira comparativamente à média mensal calculada para o período (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA).

Considerando os volumes armazenados totais, no final do mês de março as situações sob vigilância identificadas são:

Situações críticas:

- Fonte Serne [30,8 %], Monte da Rocha [33,5 %] e Campilhas [34,8 %] - Bacia do Sado;
- Bravura [35,3%] – Bacia do Barlavento.

Pela relevância que assume na gestão dos recursos hídricos em Portugal, no que se refere às disponibilidades hídricas a 31 de março de 2021, armazenadas nas albufeiras na parte espanhola das bacias hidrográficas são:

- Bacias hidrográficas do Minho e Lima Espanha - 80,1% (em fevereiro era de 86,5%);
- Bacia hidrográfica do Douro Espanha - 81,7% (em fevereiro era de 82,7%);
- Bacia hidrográfica do Tejo Espanha – 71,2% (em fevereiro era de 70,4%);
- Bacia hidrográfica do Guadiana Espanha – 41,5% (em fevereiro de 40,7%).

Verificou-se que os volumes totais armazenados em todas as bacias subiram significativamente com exceção da bacia do Guadiana, onde a subida foi menor não atingido ainda 50% da sua capacidade total.

5. Águas Subterrâneas

No respeitante à evolução das reservas hídricas subterrâneas apresentam-se, seguidamente, os mapas de evolução dos níveis piezométricos correspondentes aos meses de fevereiro e março do ano hidrológico 2020-2021, Figura 19.

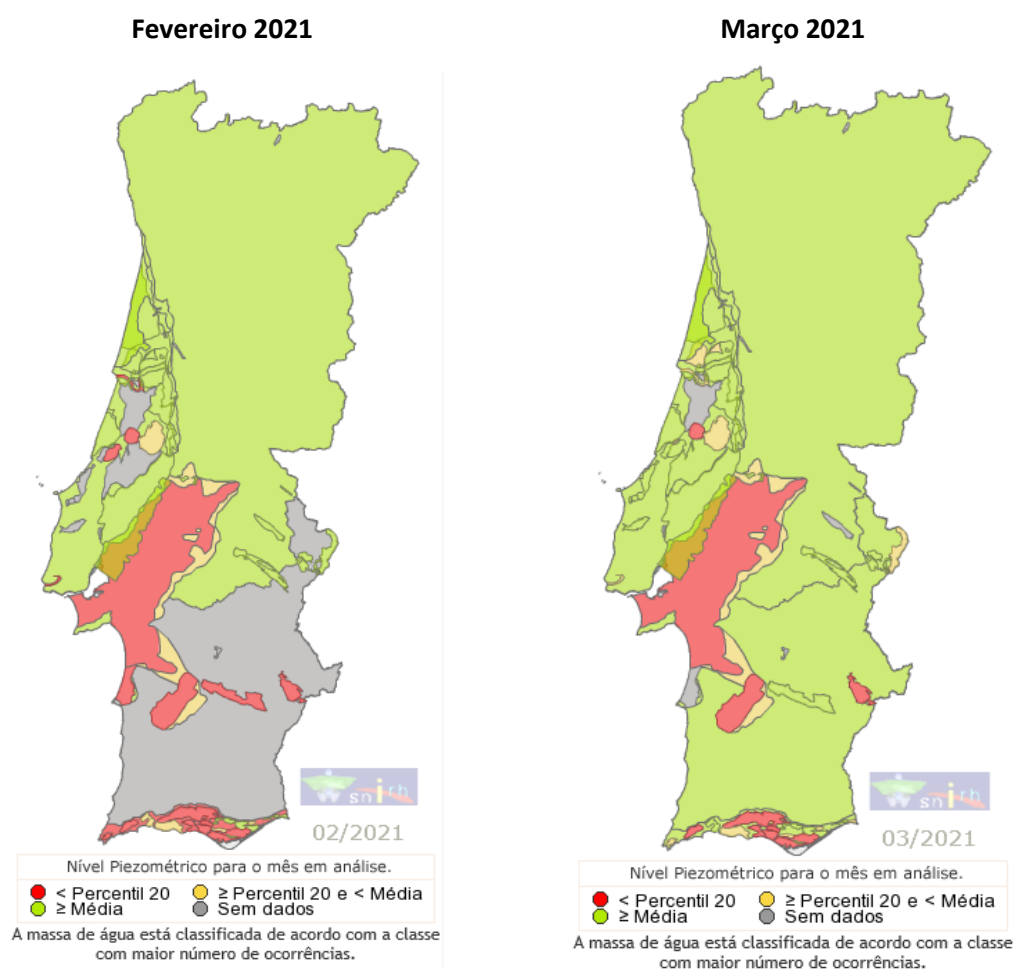


Figura 19. Evolução das reservas hídricas subterrâneas observadas nos meses de fevereiro e de março de 2021 (Fonte: APA).

Da análise dos mapas e comparando com o mês anterior, verifica-se uma subida dos níveis de água subterrânea, a nível nacional, contudo, algumas massas de água continuam a registar níveis inferiores ao percentil 20, mantendo-se esta situação no sul do país e na zona do Tejo. Na zona do Maciço Antigo Indiferenciado do Sul, observa-se que os níveis subiram, devendo estar relacionado com a resposta à precipitação ocorrida durante os últimos meses. No entanto, esta melhoria deverá ser analisada com cautela, uma vez que estas formações aquíferas têm uma fraca capacidade de armazenamento.

Assim, atendendo aos dados disponíveis no mês de março de 2021 constata-se que, os níveis piezométricos em 306 pontos observados em 54 massas de água subterrânea se apresentam, na generalidade, inferiores às médias mensais.

Nas massas de água M2 - ALMÁDENA - ODEÁXERE, O14 - POUSOS - CARANGUEJEIRA, T3 - BACIA DO TEJO-SADO / MARGEM ESQUERDA, A10 - MOURA - FICALHO, T6 - BACIA DE ALVALADE, M10 - SÃO JOÃO DA VENDA - QUELFES, M5 - QUERENÇA - SILVES, M7 - QUARTEIRA, M6 - ALBUFEIRA - RIBEIRA DE QUARTEIRA e M12 - CAMPINA DE FARO os níveis piezométricos encontram-se significativamente inferiores aos valores médios mensais.

Face à evolução dos níveis piezométricos a nível nacional, considera-se que, existe um grupo de massas de água que devem ser colocadas em situação crítica, pois desde o início do ano hidrológico 2018-2019 que registam níveis muito baixos, continuando sem recuperar. Estas situações dizem respeito a massas de água onde persistem, ao longo de vários meses, níveis inferiores ao percentil 20, pelo que, urge a aplicação de medidas preconizadas no âmbito da seca.

Neste contexto, as massas de água em situação crítica são as seguintes:

- MA Moura-Ficalho (bacia do Guadiana);
- MA Elvas-Campo Maior (bacia do Guadiana);
- MA Campina de Faro – Subsistema Vale de Lobo (bacia das Ribeiras do Algarve);
- MA Campina de Faro – Subsistema Faro (bacia das Ribeiras do Algarve);
- MA Quarteira (bacia das Ribeiras do Algarve);
- MA Almadena – Odeáxere (bacia das Ribeiras do Algarve);
- MA São João da Venda-Quelfes (bacia das Ribeiras do Algarve);
- MA Albufeira-Ribeira de Quarteira (bacia das Ribeiras do Algarve).

Face ao mês anterior, há alterações na lista das massas de água em situação crítica, em que saíram quatro massas de água, todas da bacia das Ribeiras do Algarve.

Salienta-se que, a precipitação ocorrida durante o 1º semestre do ano hidrológico 2020-2021, em especial no mês de fevereiro, deverá ter possibilitado a recuperação do nível piezométrico em algumas massas de água, nomeadamente no Maciço Antigo Indiferenciado do Sul e na zona oeste da Orla Ocidental. No entanto, na região sul continuam-se a registar níveis de água subterrânea bastante baixos em alguns sistemas aquíferos da região do Alentejo e em muitos no Algarve, de acordo com os dados atualmente disponíveis.

Tendo em conta que, os eventos pluviosos não foram suficientes para a recuperação dos níveis de água subterrânea em diversas massas de água, possivelmente em virtude dos níveis se encontrarem muito baixos, permanecem algumas delas em vigilância, isto é, merecem especial atenção.

As massas de água que se encontram em vigilância são as seguintes:

- MA Maciço Antigo Indiferenciado da Bacia do Guadiana e do Sado (bacias do Guadiana e do Sado);
- MA Querença-Silves (bacia das Ribeiras do Algarve);
- MA Gabros de Beja (bacia do Guadiana);

- MA Bacia de Alvalade (bacia do Sado).

Não obstante a recuperação dos níveis de água subterrânea observada em diversas massas de água resultante dos eventos pluviosos ocorridos no presente ano hidrológico 2020/2021, continua a verificar-se que os níveis de água subterrânea, em diversas massas de água na região sul do país, se encontram inferiores ao percentil 20. Considera-se que os níveis piezométricos nesta região se encontram significativamente baixos, pelo que a precipitação ocorrida ao longo deste ano hidrológico ainda não é suficiente para a recuperação dos níveis de água subterrânea.

6. Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola

Os armazenamentos registados nas albufeiras no final de março (02/04/2021), monitorizados pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), estão indicados na Tabela 3. Nesta Tabela apresentam-se, também, as tendências evolutivas dos armazenamentos, em relação ao final do mês anterior, e as previsões para a campanha de rega (<http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>).

Entre as 44 albufeiras avaliadas pela DGADR, que suportam o boletim das albufeiras do Ministério da Agricultura (MA), 31 estão, igualmente, incluídas na avaliação disponibilizada no portal do SNIRH (APA). As albufeiras monitorizadas e avaliadas pela DGADR, que incluem empreendimentos de fins múltiplos e equiparados, estão indicadas e localizadas na Figura 20.

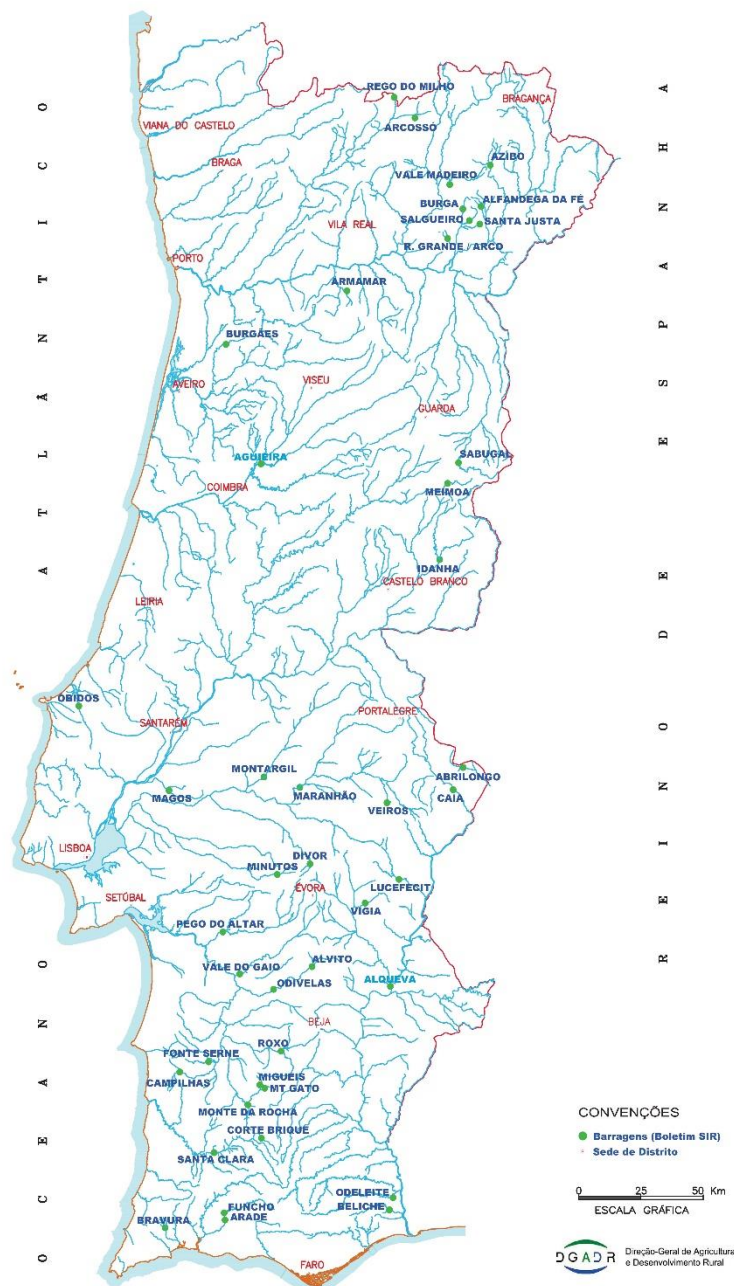


Figura 20. Localização dos aproveitamentos hidroagrícolas monitorizados pela DGADR (Fonte: DGADR).

Neste mês verificou-se uma tendência generalizada de subida dos níveis de armazenamento das albufeiras, 23 sobem, 6 descem e 14 estão inalteráveis (Tabela 3). Uma grande parte das albufeiras que estão inalteráveis já atingiram o seu pleno armazenamento. A norte de Portugal (que inclui a bacia hidrográfica do Tejo), as albufeiras tiveram uma variação do seu volume armazenado entre -4,7 % (Montargil) e +10,9 % (Aguieira). A sul de Portugal existe uma variação do volume compreendida entre -4,1 % (Alvito) e +11,6 % (Monte Gato). No final do mês, 12% das albufeiras hidroagrícolas tinham armazenamentos inferiores a 40 % da sua capacidade total (Figura 21), valor superior à situação normal (5 %), caracterizada pelo período 2010/11 a 2016/17.

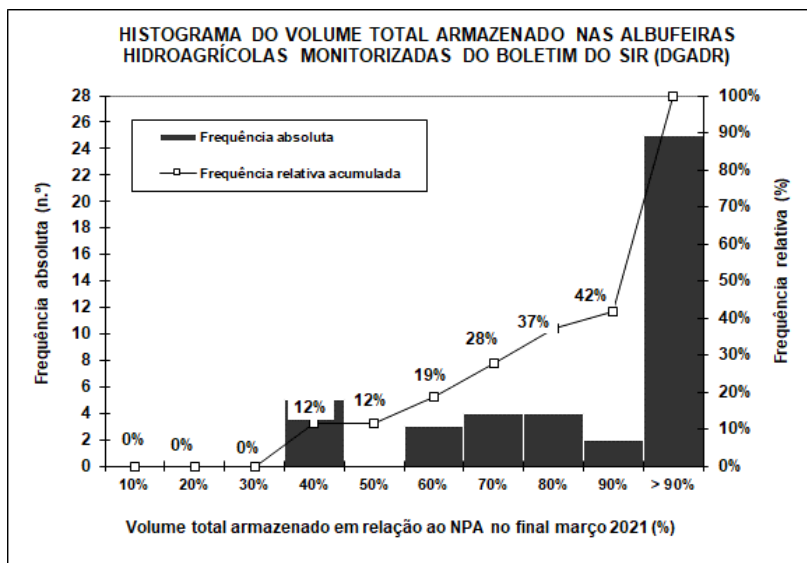


Figura 21. Histograma do volume total armazenado nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas em março de 2021 (Fonte: DGADR).

Excluindo as albufeiras do Alqueva e da Aguieira (sem gestão direta dos agricultores), entre os aproveitamentos analisados, a albufeira de Santa Clara, na bacia hidrográfica do rio Mira, é aquela que apresenta maior volume armazenado (248,07 hm³), que corresponde a 51 % da sua capacidade de armazenamento total, tendo desde 12 de março deixado de ser explorada a partir do seu volume morto.

Neste mês os armazenamentos totais das albufeiras são na sua maioria superiores ao valor médio de março de cada albufeira. Neste mês, a sul do Tejo existem três albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) ou com restrições significativas (nível de contingência 2), num total de 19 albufeiras avaliadas, enquanto a norte do Tejo não existe nenhuma albufeira associada aos níveis de contingência 2 ou 3, nas 20 albufeiras avaliadas (Tabela 3). As duas albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) são Fonte Serne, do Aproveitamento Hidroagrícola de Campilhas e Alto Sado, e Santa Clara, do Aproveitamento Hidroagrícola do Mira.

As evoluções semanais percentuais dos volumes armazenados úteis nas albufeiras estão representadas na

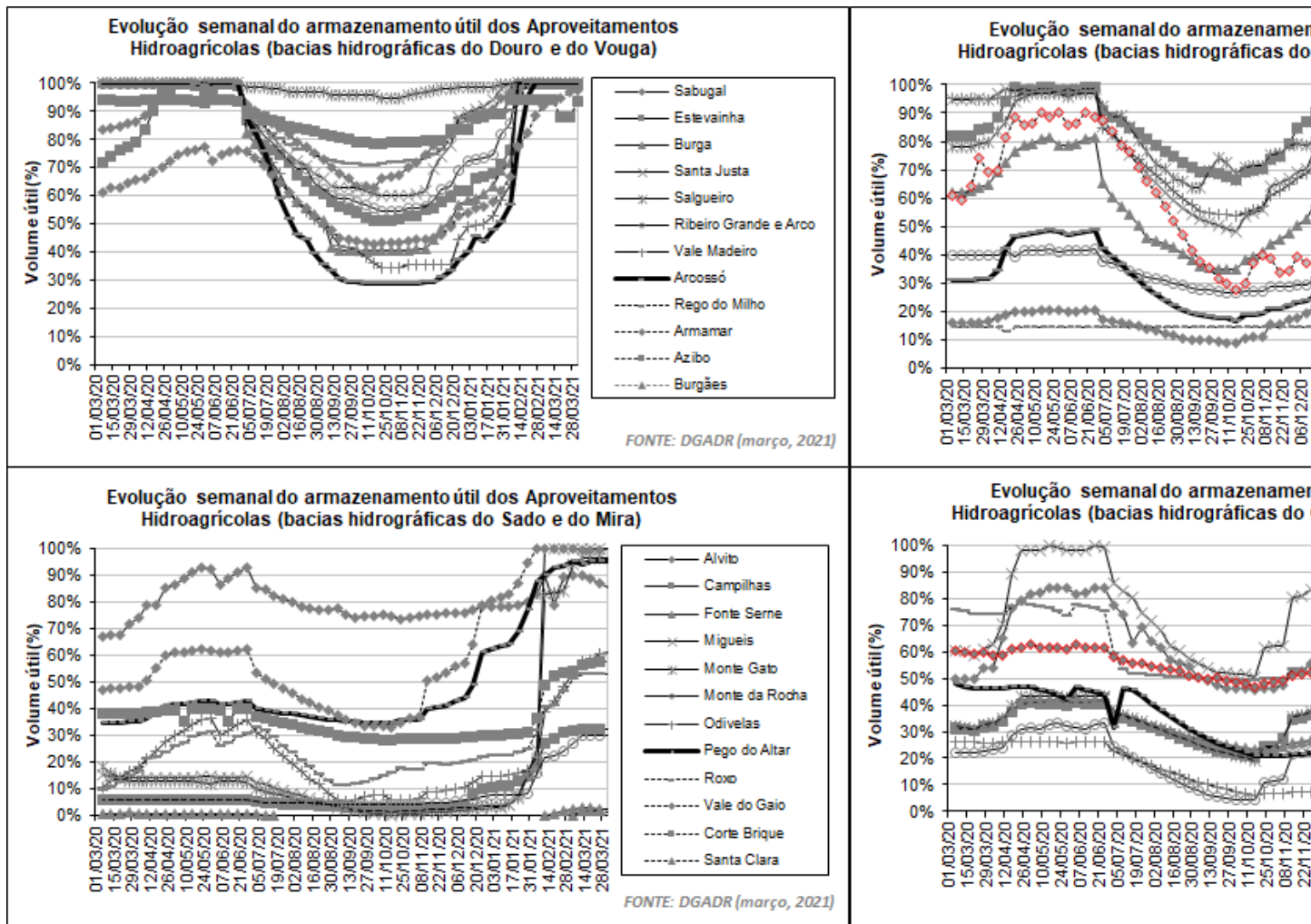


Figura 22. Nesta Figura as albufeiras estão organizadas em quatro agrupamentos de bacias hidrográficas: a) Douro e Vouga; b) Mondego, Tejo e Arnoia; c) Sado e Mira; d) Guadiana e rios do Algarve.

Independentemente dos volumes úteis atualmente disponíveis, será sempre necessário realizar uma gestão criteriosa dos recursos hídricos (bem escasso e finito), sendo o desafio mais exigente nos aproveitamentos com mais do que uma utilização principal. Neste contexto, estão aos aproveitamentos do Azibo, Cova da Beira, Caia, Vigia, Roxo, Campilhas e Alto Sado, Mira, Odeleite-Beliche, bem como os aproveitamentos hidráulicos do EFMA e da Agueira

Tabela 3. Armazenamentos nas albufeiras em março, tendências evolutivas e previsões para a campanha

Reservas hídricas nas albufeiras hidroagrícolas (02/04/2021)							Campanha de rega						OBS		
Albufeira	Bacia Hidrográfica	Cota do plano de água	Volume total armazenado		cota do mês anterior	Evolução face ao mês anterior	Aproveitamento hidroagrícola	Necessidade da campanha normal	Volume útil na albufeira	Estado de realização da campanha de rega	Volume consumido e percentagem executada na camp. (valor acumulado)			Previsão para a execução final da campanha de 2021	
		(m)	(hm3)	(%)	(m)						(hm3)	(hm3)	(%)	*Níveis de contingência	
Sabugal	Douro	789,71	113,81	100%	790,38	↘	Cova da Beira	50,00	109,91	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Estevainha	Douro	626,50	1,60	100%	626,50	↔	Alfandega da Fé	1,00	1,30	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Burga	Douro	329,00	1,54	100%	329,00	↔	Vale da Vilarça	1,20	0,82	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp assegurada em	● 68 %	
Santa Justa	Douro	259,00	3,48	100%	259,00	↔	Vale da Vilarça	1,90	2,73	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Salgueiro	Douro	222,00	1,80	100%	222,00	↔	Vale da Vilarça	0,30	1,65	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Ribeira Grande e Arco	Douro	187,00	5,97	100%	187,00	↔	Vale da Vilarça	1,90	4,33	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Vale Madeiro	Douro	291,00	1,51	100%	291,00	↔	Vale Madeiro	0,90	1,42	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Arcossó	Douro	537,00	4,88	100%	537,00	↔	Veiga de Chaves	3,30	4,67	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Rego do Milho	Douro	455,00	1,90	100%	455,00	↔	Rego do Milho	0,50	1,81	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Armamar	Douro	753,75	2,83	97%	752,90	↗	Temilobos	1,20	2,75	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Azibo	Douro	601,26	51,50	95%	601,29	↘	Macedo de Cavaleiros	4,00	43,70	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Burgães	Vouga						Burgães							sem elementos	
Aguieira	Mondego	119,87	336,03	79%	117,24	↗	Baixo Mondego	114,00	129,03	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	EDP/ DGADR
Divor	Tejo	259,42	7,82	66%	259,13	↗	Divor	2,70	7,81	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Marechal Carmona	Tejo	255,25	76,49	98%	255,13	↗	Idanha	40,00	75,69	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Magos	Tejo	16,76	3,45	102%	16,73	↗	Magos	2,50	3,06	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Maranhão	Tejo	129,51	196,55	96%	130,00	↘	Vale do Sarraia	94,01	172,05	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Meimoa	Tejo	568,20	37,49	96%	566,40	↗	Cova da Beira	15,00	25,49	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Minutos	Tejo	258,70	29,63	57%	258,30	↗	Minutos	10,00	27,53	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Montargil	Tejo	79,50	156,51	95%	79,99	↘	Vale do Sarraia	78,50	134,91	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Veiros	Tejo	269,00	10,25	100%	269,00	↔	Veiros	2,50	9,14	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal	● 100 %	
Óbidos	Arnoia	27,40	2,13	38%	27,40	↔	Óbidos		1,89						

Reservas hídricas nas albufeiras hidroagrícolas (02/04/2021)						Campanha de rega						OBS		
Albufeira	Bacia Hidrográfica	Cota do plano de água (m)	Volume total armazenado		cota do mês anterior (m)	Evolução face ao mês anterior	Aproveitamento hidroagrícola	Necessidade da campanha normal (hm3)	Volume útil na albufeira (hm3)	Estado de realização da campanha de rega	Volume consumido e percentagem executada na camp. (valor acumulado)		Previsão para a execução final da campanha de 2021 *Níveis de contingência	
			(hm3)	(%)							(hm3)			(%)
Alvito	Sado	195,92	113,49	86%	196,35	↘	-		110,99					
Campilhas	Sado	101,55	9,46	35%	101,35	↗	Campilhas e Alto Sado	15,00	8,46	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp assegurada em ● 56 %	
Fonte Seme	Sado	73,64	1,59	31%	73,58	↗	Campilhas e Alto Sado	2,00	0,09	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp assegurada em ● 4 %	
Migueis	Sado	156,00	0,94	100%	156,00	↔	Campilhas e Alto Sado	0,80	0,82	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	
Monte Gato	Sado	179,50	0,63	97%	179,11	↗	Campilhas e Alto Sado	0,60	0,58	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp assegurada em ● 96 %	
Monte de Rocha	Sado	127,49	34,41	33%	125,99	↗	Campilhas e Alto Sado	25,00	27,41	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	
Odivelas	Sado	99,83	68,98	72%	98,51	↗	Odivelas	44,00	42,98	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp assegurada em ● 98 %	
Pego do Altar	Sado	51,86	89,74	95%	51,67	↗	Vale do Sado	50,00	89,34	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	
Roxo	Sado	132,28	54,03	56%	131,66	↗	Roxo	30,00	47,23	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	
Vale do Gaio	Sado	40,47	62,82	100%	40,50	↘	Vale do Sado	35,00	54,82	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	
Corte Brique	Mira	130,53	1,02	62%	130,04	↗	Mira	1,00	0,84	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp assegurada em ● 84 %	
Santa Clara	Mira	114,98	248,07	51%	114,40	↗	Mira	70,00	1,17	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp assegurada em ● 2 %	
Abrilongo	Guadiana	252,00	20,16	101%	252,00	↔	Abrilongo		19,16					
Beliche	Guadiana	45,44	30,32	63%	44,18	↗	Sotavento Algarvio	19,00	29,92	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	
Caia	Guadiana	230,56	152,00	75%	230,23	↗	Caia	40,00	136,90	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	
Lucefecit	Guadiana	182,00	10,23	100%	182,00	↔	Lucefecit	5,00	9,63	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	
Odeleite	Guadiana	45,49	92,54	71%	44,20	↗	Sotavento Algarvio	35,00	79,54	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	
Vigia	Guadiana	224,00	16,73	100%	224,00	↔	Vigia	7,50	14,95	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	
Bravura	Odeóxere	73,27	12,30	35%	72,92	↗	Alvor	3,26	9,74	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	
Arade (Silves)	Arade	55,20	19,06	67%	54,51	↗	Silves Lagoa e Portimão	15,00	17,41	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	
Funcho	Arade	93,72	40,01	84%	93,04	↗	Silves Lagoa e Portimão		35,04					
Alqueva	Guadiana	150,25	3 783,43	91%	149,84	↗	EFMA	184,60	2783,43	Campanha de rega com as seguintes estatísticas de execução:	0,00	0%	camp rega normal ● 100 %	EDIA/ EDP/ DGADR

*Níveis de contingência:

Nível 0 Défice hídrico agrícola reduzido ou inexistente.
Nível 1 Défice hídrico agrícola pouco significativo.
Nível 2 Défice hídrico agrícola significativo (restrições).
Nível 3 Défice hídrico agrícola relevante (esgotamento).

Superior ou igual a 80 %
Entre 80 % e 60 %
Entre 60 % e 30 %
Inferior a 30 %

●
●
●
●

Observações complementares:

a) Perdas por evaporação baseadas em observações evapométricas específicas (Anuários dos Serviços Hidráulicos, DGRAH, 1979).
b) Algoritmo de previsão e das necessidades da campanha atualizados no final de abril 2018.
c) Recomenda-se abrir o ficheiro com Excel 2010 ou 2013.

Copyright 2018 DGADR

Fonte: DGADR, Sistema de Informação do Regadio (SIR) em <http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>

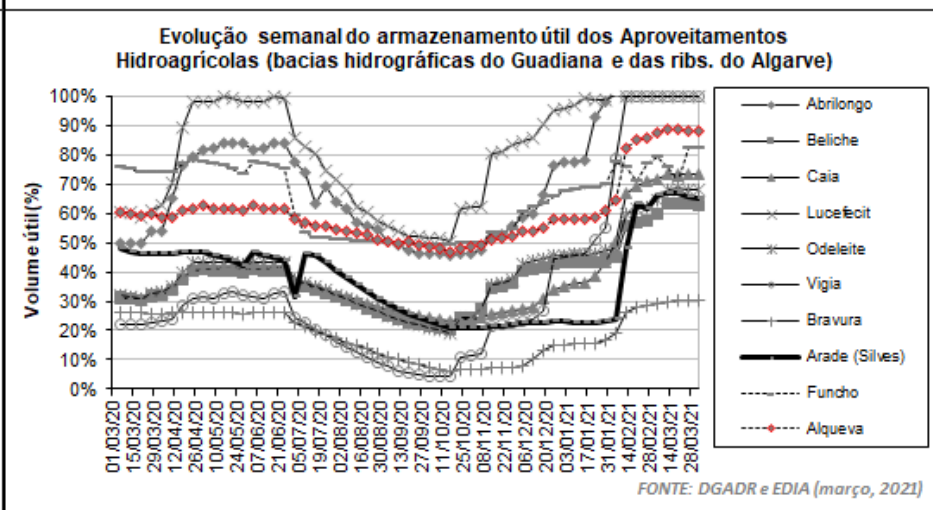
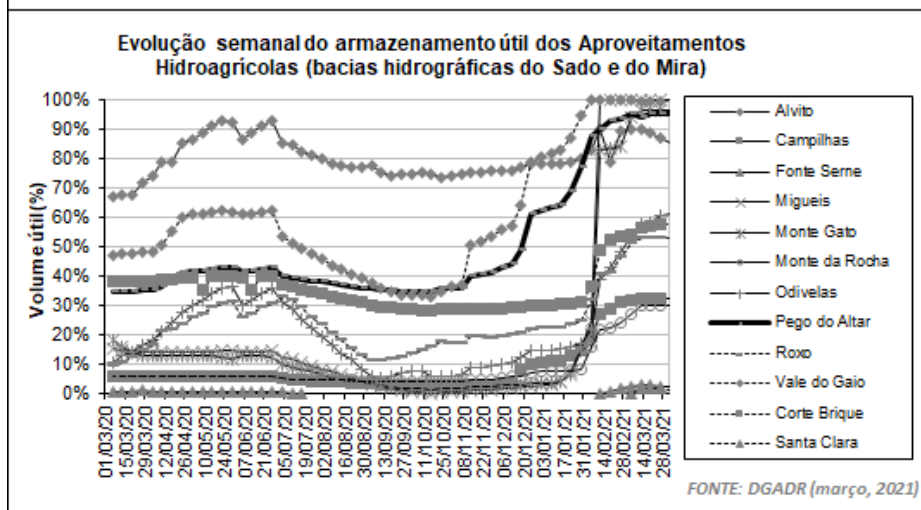
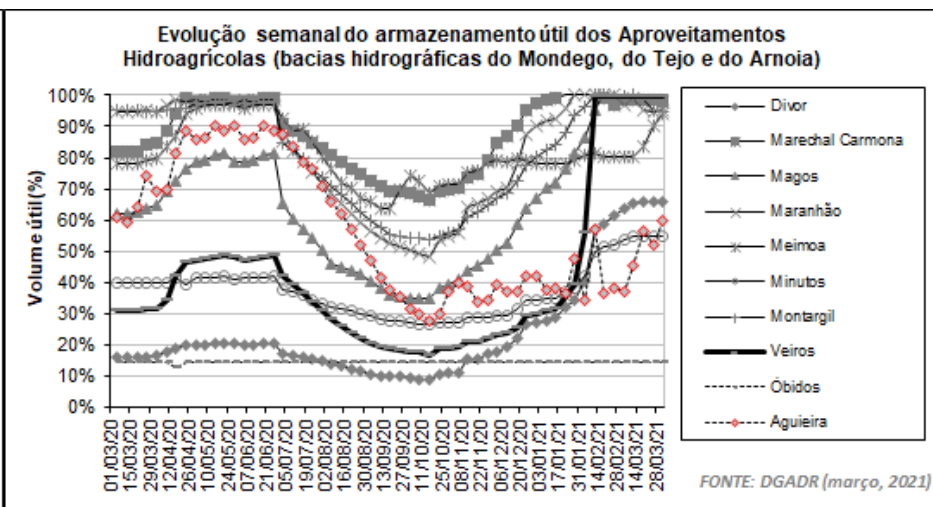
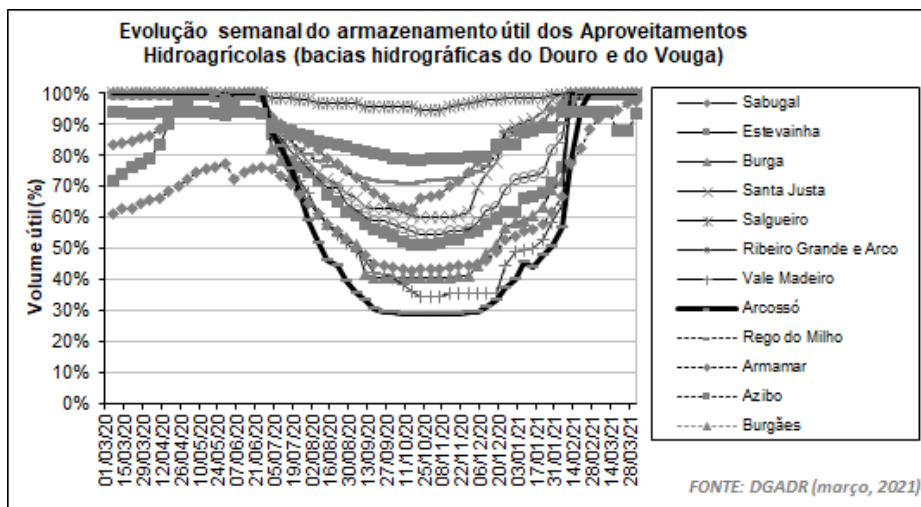


Figura 22. Evolução semanal percentual dos volumes armazenados úteis dos aproveitamentos hidroagrícolas das bacias hidrográficas Douro e Vouga, Mondego, Tejo e Arnoia, Sado e Mira, Guadiana e Ribeiras do Algarve (Fonte: DGADR).

Síntese do ponto de situação das albufeiras do grupo IV monitorizadas pelas DRAP Norte e Centro

Na Tabela 4 apresenta-se o ponto de situação das albufeiras do Grupo IV, de perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte (DRAPN).

Tabela 4. Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (26 de março de 2021), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: DRAPN)

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm ³)	Volume Útil (hm ³)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Atual (26 março) (hm ³)	Leitura a 26 de fevereiro (hm ³)	Varição (hm ³)	% do NPA	Volume útil armazenado (hm ³)	%	
Alfândega da Fé	Camba	624,50	1,52	1,49	624,50	1,52	1,52	↔	0,00	100,0	1,49	100,0
Bragança	Gostei	758,00	1,38	1,37	758,00	1,38	1,38	↔	0,00	100,0	1,37	100,0
Vinhais	Prada	931,50	0,25	0,24	931,50	0,25	0,25	↔	0,00	100,0	0,24	100,0
Chaves	Curalha	405,00	0,79	0,78	405,00	0,79	0,79	↔	0,00	100,0	0,78	100,0
	Mairos	800,00	0,37	0,36	800,00	0,37	0,37	↔	0,00	100,0	0,36	100,0

Na Tabela 5 indica-se a percentagem de água disponível relativamente à capacidade total das albufeiras do Grupo IV, de perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro (DRAPC), no final do mês de março.

Tabela 5. Disponibilidade de água nas albufeiras Grupo IV (31 de março de 2021), de aproveitamentos hidroagrícolas (Fonte: DRAP Centro)

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm ³)	Volume Útil (hm ³)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual (31 de março) (hm ³)	Leitura (26 fevereiro) (hm ³)	Varição (hm ³)	% do NPA	Volume útil armazenado (hm ³)	%	
Anadia	Porção	104,00	0,10	0,10	104,00	0,10	0,10	↔	0,00	100,0	0,10	100,0
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,13	0,13	353,50	0,13	0,13	↔	0,00	100,0	0,13	100,0
Figueira Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,20	2,15	684,80	2,20	2,20	↔	0,00	100,0	2,15	100,0
Mortágua	Macieira	143,60	0,95	0,92	143,60	0,95	0,95	↔	0,00	100,0	0,92	100,0
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,12	0,12	481,95	0,12	0,12	↔	0,00	99,0	0,12	99,0
Pinhel / Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,87	4,68	577,00	4,87	4,87	↔	0,69	100,0	4,68	100,0
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,85	0,65	801,00	0,85	0,85	↔	0,00	100,0	0,65	100,0
Vila Velha de Rodão	Açafal	112,60	1,75	1,75	112,60	1,75	1,75	↔	0,00	100,0	1,75	100,0
Vila Velha de Ródão	Coutada/ Tamujais	131,00	3,89	3,30	130,95	3,87	3,89	↓	-0,03	99,0	3,28	99,0
Viseu	Calde	547,20	0,59	0,56	547,22	0,59	0,59	↔	0,00	100,0	0,56	100,0

7. Agricultura e Pecuária

Neste capítulo apresenta-se a evolução das atividades agrícolas no final de março, em termos qualitativos, com indicação também de alguns valores das variações de área semeada, de produtividade e de produção face ao ano anterior (Anexos I e II).

Cereais de outono/inverno:

- No litoral **Norte**, as culturas praganosas de sementeira outono-invernal apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo, atribuído ao facto de o mês de fevereiro ter sido chuvoso e em março se ter registado um significativo aumento da temperatura. As searas exibiam vários estádios de desenvolvimento, devido às sementeiras se terem realizado espaçadas no tempo. No interior, em resultado da subida das temperaturas e de dias com mais horas de sol, observou-se uma melhoria do desenvolvimento vegetativo dos cereais, nomeadamente nas situações em que foi efetuada uma adubação de cobertura. Nos terrenos que estiveram muito tempo encharcados, pela conjugação dos elevados volumes de precipitação dos meses anteriores e de deficientes condições de drenagem, verificaram-se casos de asfixia radicular em algumas searas;
- No **Centro**, de uma maneira geral, as searas que na primeira quinzena do mês apresentavam bom crescimento, estagnaram um pouco por falta de humidade no solo. As que foram semeadas mais cedo encontravam-se com bom desenvolvimento vegetativo e normais. No entanto, aquelas cujos terrenos não puderam ser mobilizados devido ao encharcamento dos solos, e que foram semeadas mais tarde, apresentavam-se mais fracas;
- Em **Lisboa e Vale do Tejo**, as culturas cerealíferas de sementeira outono/invernal apresentavam um desenvolvimento normal para a época, encontrando-se as adiantadas e em fase de início de espigamento. O aspeto vegetativo é melhor face ao ano anterior pelo que se perspectiva que produtividades superem as da campanha passada;
- No **Alentejo**, as germinações dos cereais para grão foram boas encontrando-se as searas na fase do espigamento, com povoamentos regulares e um desenvolvimento vegetativo adiantado para a época do ano;
- No **Algarve** os cereais apresentavam alguma heterogeneidade em termos de desenvolvimento vegetativo (diferenças normais resultantes de épocas de sementeira distintas). As primeiras chuvas, pela sua intensidade, deram origem a um atraso em algumas sementeiras, sendo este agora visível no seu desenvolvimento. De uma forma geral verificou-se uma boa germinação e atualmente os estados fenológicos predominantes são o de afilhamento e o de alongamento.

Prados, pastagens permanentes e forragens:

- No litoral **Norte**, os prados e pastagens, beneficiaram da humidade do solo e das temperaturas amenas que se fizeram sentir apresentando um desenvolvimento vegetativo normal. A maior parte da área de culturas forrageiras foi semeada tarde, devido ao prolongado período de precipitação. Apenas as semeadas em outubro apresentavam um maior desenvolvimento. Já ocorreram os primeiros cortes, quer para limpeza de infestantes (a predominante é o saramago) quer pela gestão da aplicação de efluentes pecuários. No interior, as forragens e pastagens, face à evolução das condições meteorológicas, tendiam a recuperar o atraso no desenvolvimento vegetativo que porventura ainda apresentavam em algumas zonas. A realização de adubações de cobertura também deverá contribuir para essa recuperação;
- No **Centro**, mais propriamente no Baixo Mondego, as culturas forrageiras em geral e as pastagens de sequeiro em particular, foram afetadas pelos ventos constantes e por vezes fortes que provocaram uma excessiva secura na superfície dos solos e em algumas zonas uma ligeira acama nas culturas forrageiras. Na Beira Serra, a falta de precipitação condicionou o crescimento das pastagens, tendo por isso aumentado o consumo de alimentos concentrados e conservados. Não se verificaram no entanto, casos de dificuldades no abeberamento. No Pinhal Sul, a fraca precipitação e os ventos fortes que ocorreram este mês, provocaram um amarelecimento dos prados e pastagens. Na Campina e Campo Albicastrense, a produção forrageira estava aquém do normal devido à fraca humidade dos solos havendo em algumas explorações a necessidade de reforçar a alimentação dos efetivos pecuários com forragens conservadas e rações;
- Em **Lisboa e Vale do Tejo**, os prados pastagens e culturas forrageiras, quer de sequeiro quer de regadio, desenvolveram-se bem durante o mês de março e apresentavam no final do mês boas quantidades de matéria verde. No entanto, na zona da Península de Setúbal eram visíveis sintomas de stress hídrico em algumas zonas de solos mais ligeiros. Foram efetuados cortes de áreas forrageiras para silagem, principalmente em azevéns e em áreas destinadas à instalação de culturas de primavera/verão. Manteve-se durante grande parte do mês de março a necessidade de completar a alimentação dos efetivos explorados em regime extensivo com a distribuição de fenos e palhas em níveis que se consideram normais para a época mas inferiores ao verificado em igual período do ano anterior;
- No **Alentejo**, as temperaturas elevadas para a época que se fizeram sentir no mês de março, conduziram a um adiantamento do desenvolvimento vegetativo dos prados permanentes e das culturas forrageiras anuais (semeadas e naturais). O desenvolvimento vegetativo das áreas forrageiras de sequeiro encontrava-se dentro dos padrões normais para a época estando a produção de matéria verde dependente das condições de precipitação e temperatura a ocorrer no mês de abril;
- No **Algarve**, as pastagens naturais apresentavam um bom coberto de vegetativo, sendo usados como principal fonte de alimentação dos efetivos pecuários (preservando-se assim, as pastagens semeadas que começavam a ficar disponíveis para a alimentação animal). As pastagens semeadas apresentavam

desenvolvimentos bastante díspares. As que foram semeadas antes das primeiras chuvas ostentavam um desenvolvimento significativo, por outro lado, as que foram semeadas mais tarde apresentavam um fraco desenvolvimento. Verificou-se, de um modo geral, uma melhoria das disponibilidades forrageiras, não sendo espectável qualquer problema de escassez a curto prazo.

Culturas de Primavera/Verão:

- No litoral **Norte**, iniciaram-se os preparativos para a plantação de batata, nos concelhos mais próximos do mar. No interior, a plantação de batata de sequeiro encontrava-se em curso, havendo registo de algumas plantações já concluídas. Relativamente à batata de regadio, cuja instalação é efetuada um pouco mais tarde, as plantações encontravam-se numa fase muito inicial;
- No litoral **Centro**, a batata apresentava um bom desenvolvimento vegetativo. As condições meteorológicas permitiram que a plantação decorresse com normalidade e sem interrupções. Os batatais semeados mais cedo apresentavam a rama um pouco queimada devido às baixas temperaturas e geadas que se fizeram sentir nos meses anteriores. No Pinhal Sul, a batata de sequeiro, semeada em zonas mais expostas, sofreu com as geadas ocorridas em março, mas a que foi semeada em zonas abrigadas apresentava bom desenvolvimento e perspectivas de boa produção;
- **Em Lisboa e Vale do Tejo**, verificou-se algum atraso nas plantações de batata, especialmente em sequeiro, devido às questões meteorológicas, não só do frio intenso de janeiro, mas também a alguns períodos muito chuvosos em fevereiro, pelo que nas zonas mais baixas e com fraca capacidade de drenagem só durante o mês de março foi possível avançar com as plantações e recuperar algum atraso. As plantações decorreram a bom ritmo durante o mês de março e ainda se encontravam em curso. As plantações mais precoces emergiram bastante bem e apresentavam bom desenvolvimento vegetativo e povoamentos homogéneos;
- No **Alentejo**, as perspectivas apontavam para que não existisse grande oscilação na área semeada com batata de regadio face ao ano anterior;
- No **Algarve**, verificou-se uma estabilização das áreas semeadas de batata de regadio em toda a região. O estado vegetativo da cultura era bom o que indiciava boas produtividades. A batata primor irá começar a ser colhida. Em regime de sequeiro verificou-se uma diminuição da área semeada.

Culturas arbóreas e arbustivas (vinha, pomares e olival):

- No litoral **Norte**, a colheita de tangerina encontrava-se praticamente concluída encontrando-se em curso a colheita da laranja. Devido ao rigor do inverno, as geadas e ventos fortes afetaram a produção deitando ao chão muitos frutos, afetando o seu calibre. Os limoeiros exibiam uma boa carga de limões com um amarelo homogéneo. Nas prunóideas, as variedades mais precoces de ameixeira floriram a meio do mês.

O frio atrasou o abrolhamento das pomóideas e o estado vegetativo da vinha que se situava entre o estado fenológico C – ponta verde e D – saída das folhas, consoante a localização e época da poda. Outras culturas permanentes, como o mirtilo, também já iniciaram o seu abrolhamento. No interior, apesar de se ter verificado queda de uma parte da produção (consequência dos períodos de precipitação intensa e de ventos fortes), as perspetivas apontavam para aumentos na produção das laranjeiras relativamente ao ano anterior. Com a elevação das temperaturas, a grande maioria das espécies de folha caduca reiniciou o seu ciclo vegetativo, com muitas variedades a entrarem na fase de floração a qual decorreu normalmente;

- No **Centro**, os citrinos no Baixo Mondego, continuaram a recuperar lentamente dos fortes estragos provocados pela queda de gelo prolongada ocorrida em janeiro. A parte de cima das árvores ficaram sem folhas e a queda dos frutos ocorreu de forma anormal. A nova floração é agora generalizada e abundante aparecendo já alguns frutos. No Baixo Vouga, os pomares de mirtilo estavam a iniciar a frutificação apresentando um avanço de 15 dias, enquanto que, nas zonas de transição e na Beira Serra, se encontravam ainda em floração. As prunóideas e pomóideas apresentavam uma floração abundante, beneficiando das condições atmosféricas e fazendo antever um ano de boa produção (em algumas zonas da Beira Serra, já existiam ameixeiras, damasqueiros e amendoeiras no estado fenológico – fruto vingado). O estado fenológico da vinha variava entre o início do rebentamento e o gomo de algodão. O olival encontrava-se no início do ciclo vegetativo;
- Em **Lisboa e Vale do Tejo**, os pomares de prunóideas apresentavam-se no final do mês já em fase “frutos em desenvolvimento”, sendo que a floração foi abundante e o vingamento bom com mostra de frutos muito superior à campanha anterior. Relativamente às pomóideas e em particular às pereiras, as variedades mais precoces, como a Precoce Morettini tiveram a plena floração cerca de 10 a 15 dias antes da plena floração da Pêra Rocha, encontrando-se muitos dos pomares no estado G-H. Para a região Oeste-Norte esta plena floração atrasou-se cerca de três a quatro dias. Não eram evidentes as diferenças na época de floração e qualidade da flor entre os pomares mais velhos e os mais novos. As macieiras estavam mais atrasadas fenologicamente, encontrando-se o grupo das “Galas” em fase de aparecimento das primeiras flores abertas. Os pomares de citrinos foram fortemente afetados pelas geadas intensas que ocorreram durante a primeira quinzena de janeiro, que provocaram queima dos frutos e de lançamentos mais jovens. Embora a sua recuperação fosse evidente mantiveram-se as estimativas de quebras de produção. Os olivais encontravam-se, neste momento, em dormência/repouso vegetativo. Na vinha, as castas mais precoces estavam no final do mês no estágio fenológico G “cachos separados”, com lançamentos entre os 10 e 12 cm, mas as castas mais tardias estavam ainda em estágio de “gomo de algodão” e primeira folha;

- No **Alentejo**, os amendoais apresentavam uma floração abundante e um estado vegetativo vigoroso. A vinha também apresentava um desenvolvimento vegetativo vigoroso;
- No **Algarve**, os pomares de citrios apresentavam um desenvolvimento vegetativo normal, embora sem evidência de um ano com produção excepcional. Nas laranjas de “meia-estação”, previam-se produtividades um pouco superiores às do ano transato, não só porque muitos dos pomares são jovens e têm aumentos significativos de produtividade na parte inicial do ciclo produtivo, como pelo facto de a precipitação ocorrida este ano, quer pela quantidade quer pela distribuição temporal, ter sido bastante favorável. Na variedade Lanelate os calibres aparentavam ser normais para a época e o índice de açúcar tem vindo a melhorar. Nas variedades tardias, nomeadamente na cultivar Valência Late, as indicações tiradas a partir da observação de campo, apontavam para a possibilidade de haver um aumento da produtividade. A quantidade de fruta é muita e os calibres reduzidos mas, ainda com perspetivas de melhoria, porque habitualmente a colheita é feita a partir do mês de Abril. As previsões apontavam para uma produtividade idêntica à do ano anterior na cultivar Encore, enquanto nas tangerineiras, comparativamente com o ano anterior estimava-se um ligeiro aumento de produtividade.

Abeberamento do gado:

Não foram reportados constrangimentos relativamente ao abeberamento do efetivo pecuário.

8. Outras Informações

Neste capítulo do relatório de monitorização é incluída informação considerada relevante em função da situação de seca em presença, não enquadrável nos temas dos capítulos anteriores.

I. Disponibilidades hídricas *versus* necessidades

Face aos significativos valores de precipitação ocorrida desde novembro de 2020, verifica-se um aumento significativo do volume armazenado total, estando, ainda, abaixo da média dos valores observados para várias bacias hidrográficas.

A albufeira do **Monte da Rocha**, na Bacia do Sado e sem ligação ao Alqueva, os volumes armazenados estão baixos, mas permitem garantir o abastecimento público nos próximos dois anos, no total de 3.000 dam³. Na Figura 23 observa-se os volumes armazenados em março de 2021 e a média, calculada para o período 1990/91 a 2019/20, que ilustra bem a situação crítica referida. A albufeira apresenta um volume de armazenamento total de 34.409 dam³. Considerando que o volume morto é de 5.000 dam³ o volume útil disponível a 31 de março é de 29.409 dam³.

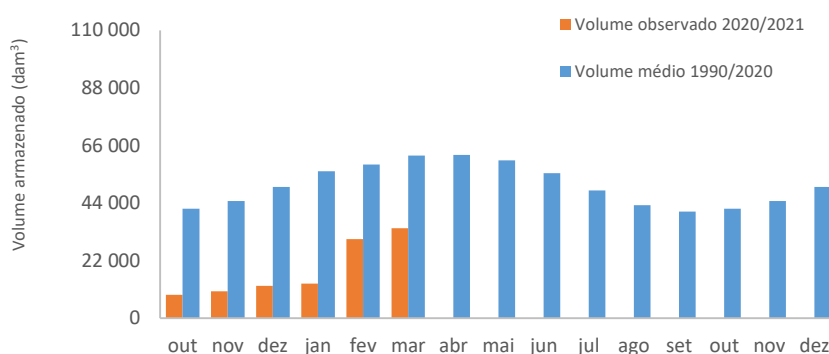


Figura 23. Volumes armazenados desde outubro 2020 e a média calculada para o período 1990/91 a 2019/20, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA)

Na zona do aproveitamento hidroagrícola do Alto Sado, abastecida pela albufeira do Monte da Rocha, apenas continua a ser regada a área de olival (200 ha).

Na Figura 24 ilustra-se a estimativa de variação dos volumes observados atendendo aos consumos existentes e tendo por base um cenário conservador, ou seja, sem precipitação significativa, verificando-se que a manterem-se os consumos médios observados entre 2010-2017, o volume de água disponível não permitiria satisfazer os usos até ao final do ano hidrológico.

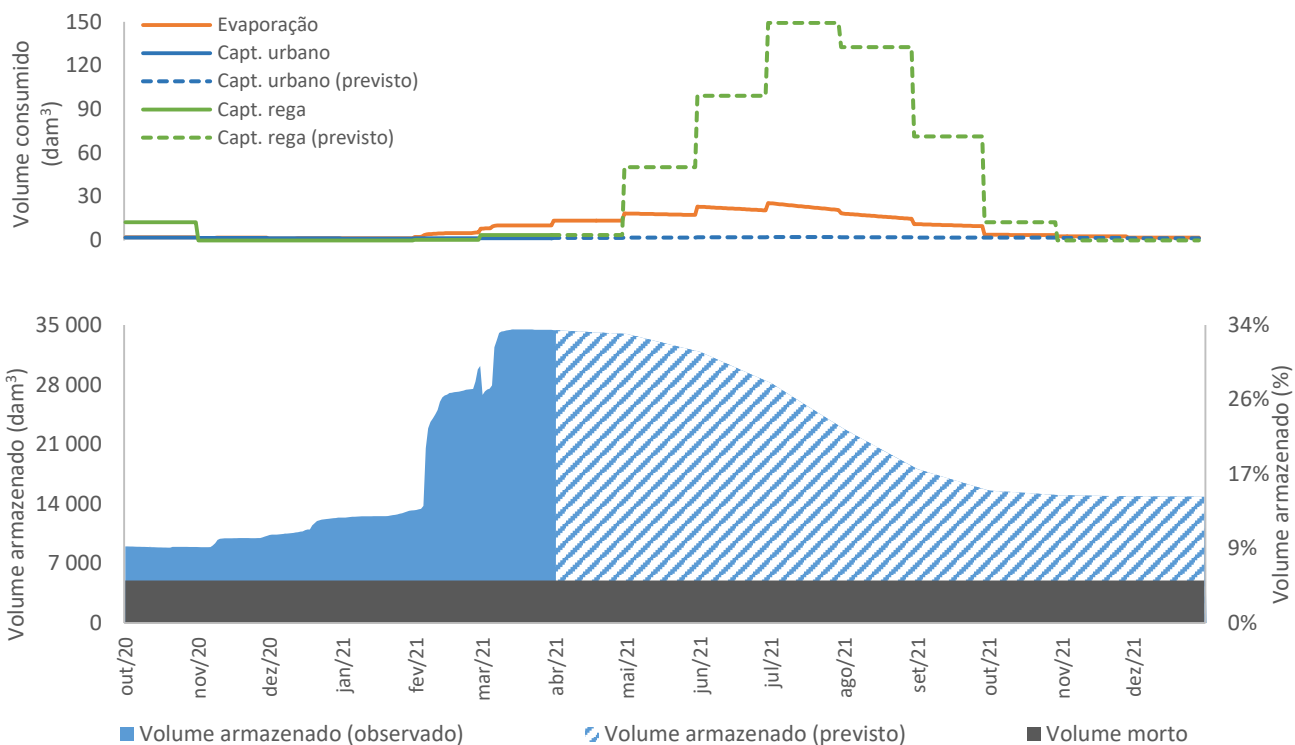


Figura 24. Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira do Monte da Rocha considerando a estimativa dos consumos e evaporação até dezembro de 2021 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano). (Fonte: APA)

A albufeira do **Caia** na bacia do Guadiana é outra situação que se estava a acompanhar com maior atenção, atendendo que tem dois usos associados. Na Figura 25 observa-se os volumes armazenados desde outubro de 2020 e a média, calculada para o período 1967/2018, que ilustra, pela primeira vez desde outubro de 2019, valores acima da média. A albufeira apresenta um volume total de armazenamento de 141.297 dam³, considerando que o volume morto é de 10.700 dam³, o volume útil disponível a 31 de março é de 141.297 dam³.

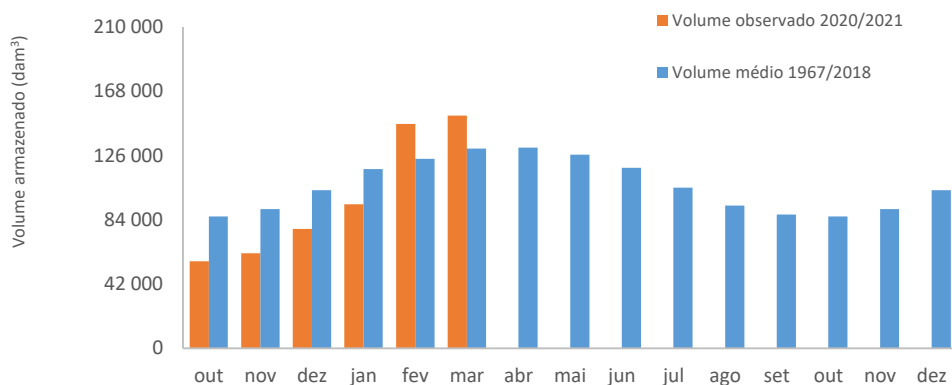


Figura 25. Volumes armazenados desde outubro de 2020 e a média calculada para o período 1967/2018 na albufeira do Caia (Fonte: APA).

Na Figura 26 ilustra-se a estimativa de variação dos volumes observados atendendo aos consumos existentes e tendo por base um cenário conservador, ou seja, sem precipitação significativa.

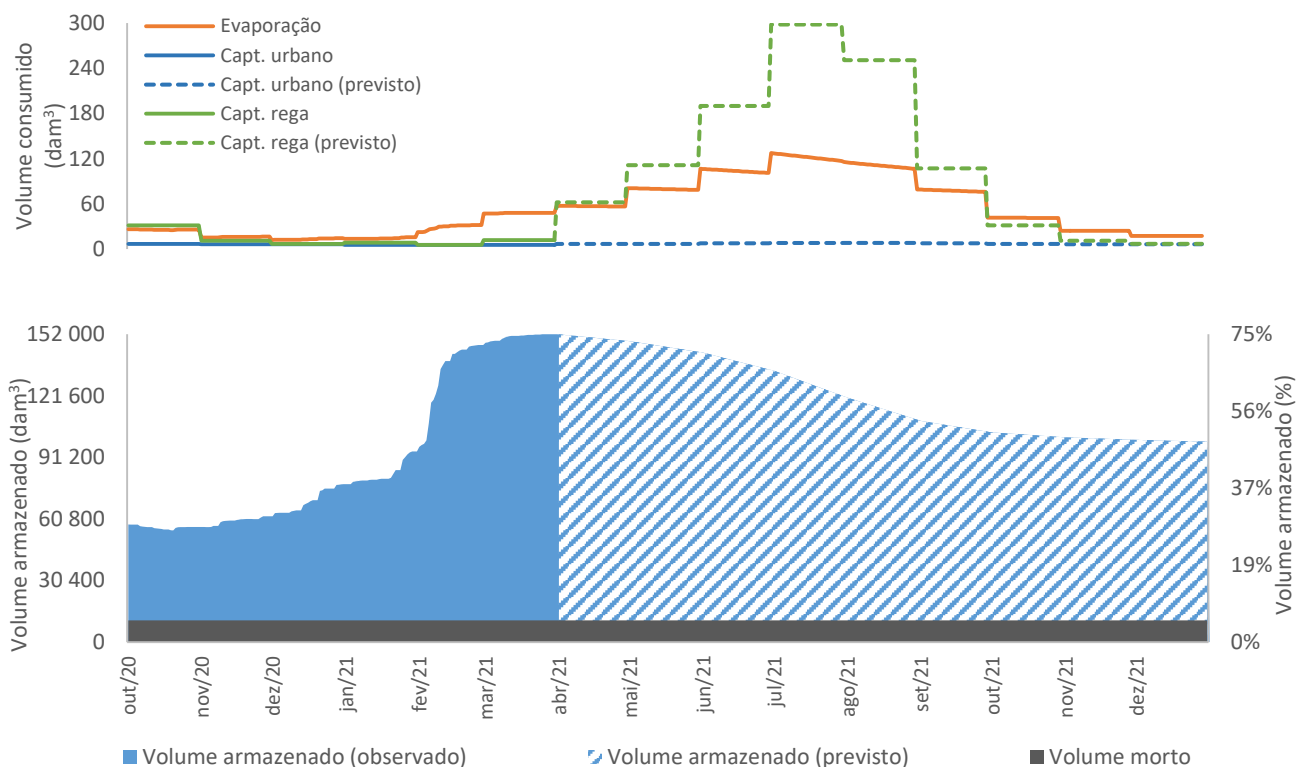


Figura 26. Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira do Caia considerando a estimativa dos consumos e evaporação até dezembro de 2021 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano) (Fonte: APA).

Na bacia do Mondego, a albufeira de **Fagilde** que abastece os concelhos de Viseu, Nelas, Mangualde e Penalva do Castelo, apresenta volume armazenado inferior à média, conforme ilustra a Figura 27.

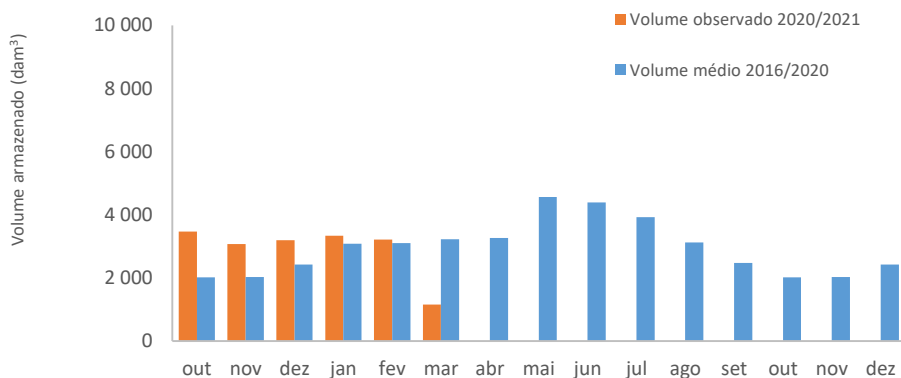


Figura 27. Comparação entre os volumes armazenados e a média calculada para o período 2016/2020 na albufeira de Fagilde (Fonte: APA)

É importante continuar a implementar medidas de racionalização e de uma gestão com maior parcimónia da água.

II. Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros

A utilização de veículos autotanque para reforço do abastecimento (por injeção de água em reservatórios ou instalações de tratamento) é uma prática corrente de diversas entidades gestoras, as quais recorrem a recursos próprios, a meios das autarquias (Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia), a veículos detidos por privados ou, mais comumente, a veículos dos Corpos de Bombeiros.

No mês de março de 2021, foram reportadas 205 operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros, valor que corresponde a um aumento de cerca de 86% face ao mês precedente, bem como uma duplicação face a igual período do ano anterior, conforme ilustrado na Figura 28.

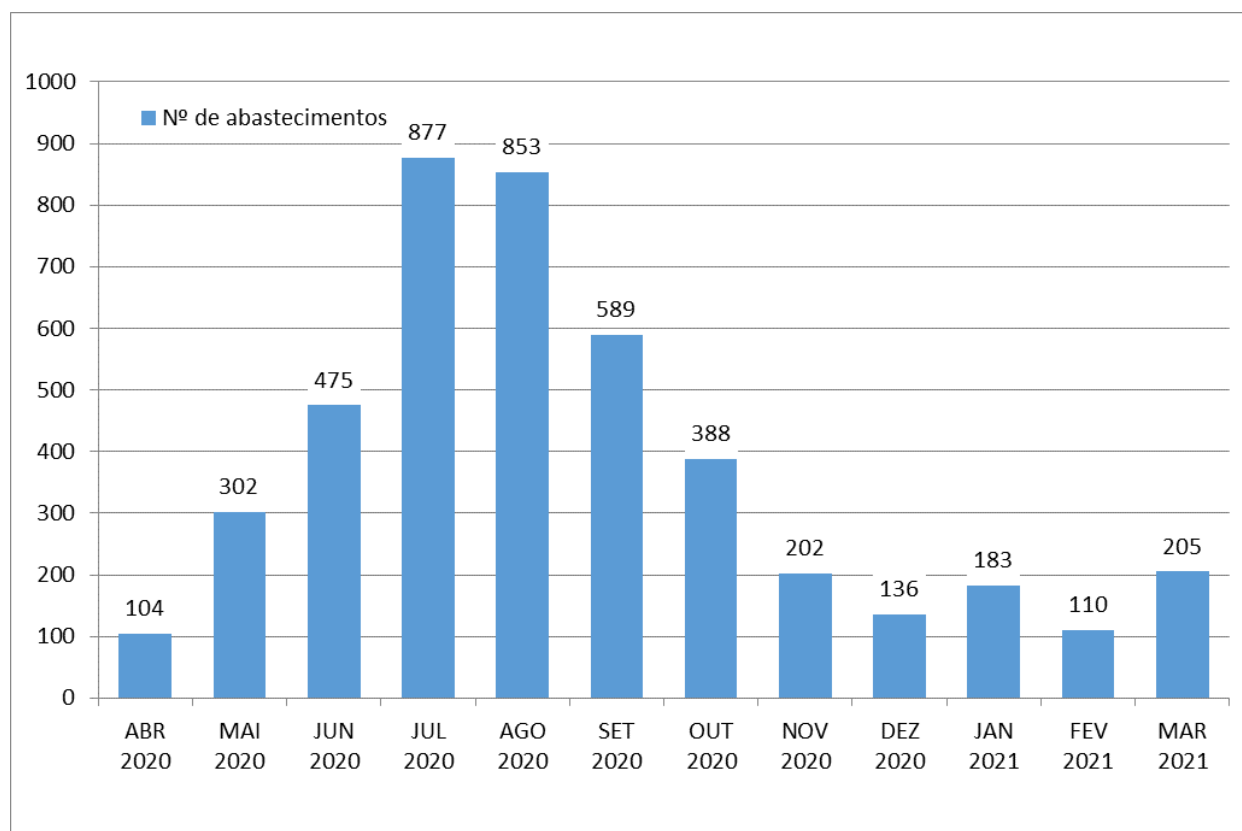


Figura 28. Número de abastecimentos públicos no período de abril de 2020 a março 2021 (Fonte: ANEPC).

Numa análise distrital, verifica-se que os distritos de Vila Real (38 abastecimentos), Faro (30) e Coimbra (23) são aqueles que registaram um maior número de abastecimentos mensais efetuados por Corpos de Bombeiros. Importa notar, contudo, que não é possível garantir que todas as operações de abastecimento efetuadas pelos Corpos de Bombeiros têm por finalidade o abastecimento público à população, ou que, tendo esse propósito, tal abastecimento decorra diretamente da situação de seca.

Os municípios que registaram maior número de operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros no mês em causa foram:

- Montalegre – 24 abastecimentos;

- Vila do Bispo – 21 abastecimentos;
- Barcelos – 14 abastecimentos;
- Chaves – 12 abastecimentos;
- Penela – 12 abastecimentos.

III. Abastecimento público

Neste capítulo pretende-se apresentar o ponto da situação mensal e a evolução entre 2018 e 2021, relativo aos volumes armazenados nas albufeiras onde as empresas do grupo Águas de Portugal captam água para abastecimento público, constando ainda:

- Identificação das albufeiras vulneráveis;
- Avaliação dos volumes armazenados por empresa face ao histórico.

Na Tabela 6, na Tabela 7 e na Figura 29 sintetizam-se a informação compilada e analisada.

Tabela 6. Resumo do ponto de situação: volume armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público, março de 2021 (Fonte: AdP)

Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, vários usos	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, vários usos.	Albufeiras no limiar dos 40%, mas que poderão ter problemas com a qualidade de água ou importa manter sob vigilância
			Bravura - 35,29%	
			Monte da Rocha - 33,48%	

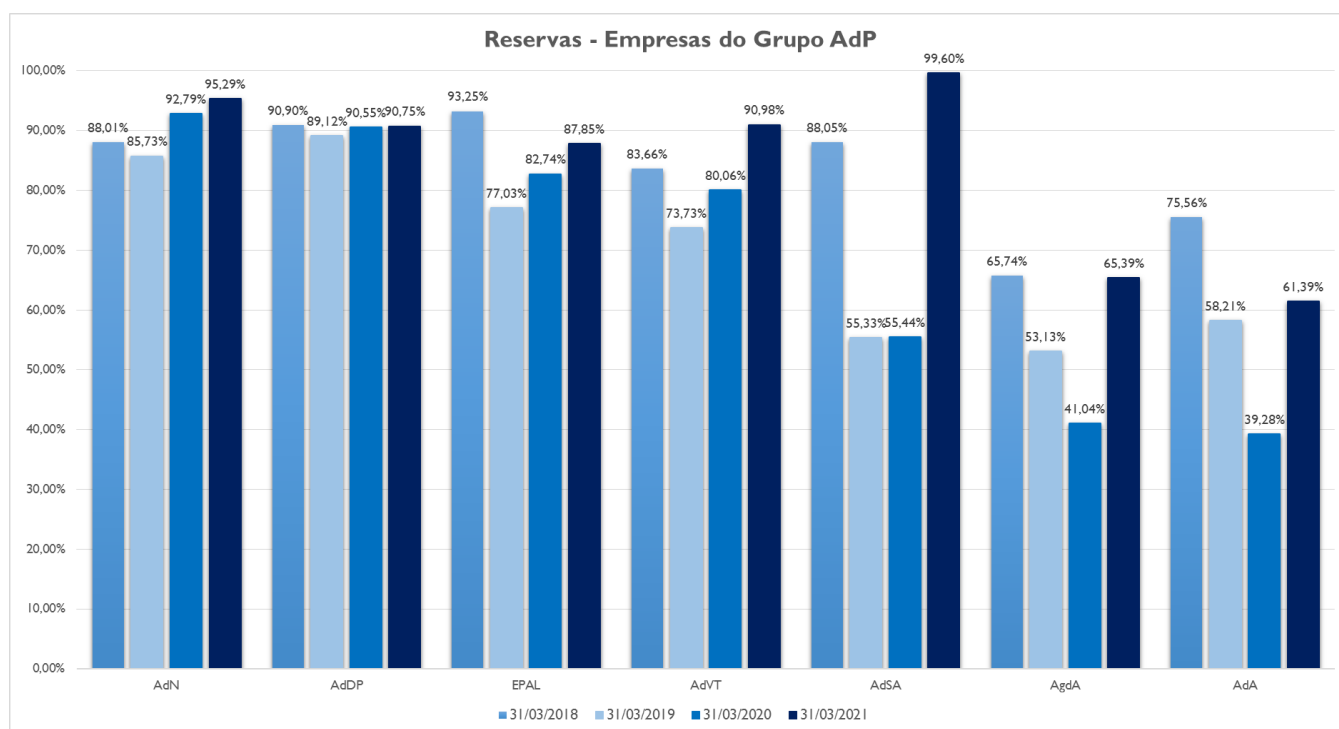


Figura 29. Volume armazenado (valores médios) a 31/03 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2018 e 2021. (Fonte: AdP).

Tabela 7. Ponto de situação das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público: volume armazenado (hm³ e %) (entre março de 2018 e 2021) (Fonte: AdP)

Empresa	Aproveitamento Hidráulico	Bacia Hidrográfica	31/mar							
			2018		2019		2020		2021	
			hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%
AdN	Alijó (Vila Chã)	Douro	1,74	100,00%	1,71	98,20%	1,74	100,09%	1,74	100,00%
	Alto Rabagão	Cávado	412,21	72,48%	345,93	60,83%	519,00	91,26%	465,59	81,87%
	Arroio	Douro	0,15	100,00%	0,14	96,21%	0,15	99,12%	0,15	100,00%
	Azibo	Douro	50,29	92,33%	47,76	87,68%	51,50	94,55%	51,62	94,77%
	Camba	Douro	0,60	54,11%	1,02	92,02%	1,09	98,53%	1,11	100,00%
	Ferradosa	Douro	0,63	88,00%	0,61	85,12%	0,67	94,40%	0,72	100,10%
	Lumiares (Armar)	Douro	1,24	42,60%	1,74	59,86%	1,94	66,84%	2,61	89,89%
	Olgas	Douro	0,96	101,98%	0,93	99,59%	0,95	100,73%	0,95	101,56%
	Palameiro	Douro	0,24	100,00%	0,24	100,00%	0,24	100,00%	0,24	100,00%
	Peneireiro	Douro	0,45	58,64%	0,30	39,16%	0,53	68,71%	0,77	100,00%
	Pinhão	Douro	4,35	102,71%	4,23	99,87%	4,25	100,32%	4,28	100,91%
	Pretrouca	Douro	3,33	103,44%	3,22	100,04%	2,78	86,37%	3,12	96,97%
	Queimadela	Ave	0,70	100,00%	0,70	100,00%	0,70	100,00%	0,70	100,00%
	Sagueiral	Douro	0,13	100,99%	0,13	95,23%	0,13	96,19%	0,13	100,00%
	Sambade	Douro	0,49	42,54%	0,93	80,06%	1,16	99,69%	1,16	100,00%
	Serra Serrada	Douro	1,68	100,00%	1,68	100,00%	1,68	100,00%	1,68	100,00%
	Sordo	Douro	1,07	107,00%	0,83	82,69%	0,95	95,49%	0,94	94,49%
	Touvedo	Lima	14,09	90,90%	14,14	91,23%	12,70	81,94%	12,91	83,29%
	Vale Ferreiros	Douro	1,06	87,98%	1,03	85,53%	1,05	87,84%	1,10	91,99%
	Vaiorno-Mourão	Douro	0,97	87,30%	1,11	99,64%	1,12	100,18%	0,89	79,56%
Veiguiñas	Douro	3,91	105,65%	3,74	101,18%	3,77	101,87%	3,83	103,65%	
Venda Nova	Cávado	87,15	92,22%	75,85	80,26%	76,80	81,27%	72,24	76,44%	
Vilar	Douro	93,23	93,46%	37,28	37,37%	88,60	88,82%	95,86	96,10%	
AdDP	Crestuma-Lever	Douro	99,99	90,90%	98,03	89,12%	99,60	90,55%	99,82	90,75%
EPAL	Castelo de Bode	Tejo	1021,05	93,25%	843,48	77,03%	906,02	82,74%	962,00	87,85%
AdVT	Apartadura	Tejo	7,47	100,00%	6,19	82,96%	7,47	100,00%	7,47	100,00%
	Cábril	Tejo	667,07	92,65%	437,10	60,71%	513,00	71,25%	598,00	83,06%
	Caia	Guadiana	84,81	41,78%	65,33	32,18%	71,78	35,36%	152,00	74,88%
	Caldeirão	Mondego	4,11	74,46%	4,07	73,73%	4,74	85,87%	3,79	68,66%
	Capinha	Tejo	0,50	100,00%	0,40	79,60%	0,49	98,80%	0,50	100,00%
	Fumadinha		0,35	100,00%	0,35	100,00%	0,35	100,00%	0,35	100,00%
	Marateca (S.ª Águeda)	Tejo	37,20	100,00%	32,58	87,57%	36,90	99,19%	37,20	100,00%
	Meimão	Tejo	29,20	74,87%	33,16	85,03%	33,28	85,34%	36,97	94,79%
	Monte Novo	Guadiana	14,21	93,01%	8,63	56,49%	8,88	58,09%	15,28	100,00%
	Penha Garcia	Tejo	0,98	91,92%	0,81	75,23%	1,00	93,57%	1,06	99,14%
	Pisco	Tejo	1,29	91,93%	1,29	91,93%	1,29	91,93%	1,29	91,93%
	Póvoa e Meadas	Tejo	11,99	62,12%	11,82	61,24%	13,01	67,41%	12,40	64,25%
	Ranhados	Douro	2,60	100,00%	2,60	100,00%	2,60	100,00%	2,60	100,00%
	Sabugal	Douro	76,74	67,14%	76,74	67,14%	97,33	85,15%	114,85	100,48%
	Santa Luzia	Tejo	48,62	90,54%	40,42	75,27%	32,74	60,97%	37,32	69,50%
	Vascoveiro	Douro	1,87	100,00%	1,87	100,00%	1,87	100,00%	1,87	100,00%
	Vigia	Guadiana	6,98	41,74%	4,08	24,39%	4,71	28,16%	16,73	100,00%
AdSA	Morgavel	Ribeiras do Alentejo	26,46	88,05%	16,63	55,33%	16,66	55,44%	29,93	99,60%
AglA	Alvito	Sado	118,82	89,68%	105,94	79,95%	97,75	73,77%	114,20	86,19%
	Enxoé	Guadiana	10,20	98,11%	8,10	77,85%	5,27	50,63%	10,40	100,00%
	Monte da Rocha	Sado	27,18	26,45%	12,07	11,74%	10,70	10,41%	34,41	33,48%
	Roxo	Sado	45,88	47,64%	36,44	37,83%	20,91	21,71%	54,03	56,10%
	Santa Clara	Mira	324,10	66,82%	282,69	58,28%	236,01	48,66%	248,31	51,20%
AdA	Beliche	Guadiana	38,41	80,02%	28,47	59,30%	15,71	32,72%	30,26	63,03%
	Bravura	Ribeiras do Algarve	22,57	64,80%	20,82	59,77%	10,85	31,15%	12,29	35,29%
	Odeleite	Guadiana	123,02	94,63%	87,45	67,27%	51,40	39,54%	92,83	71,41%
	Odelouca	Arade	98,56	62,78%	72,98	46,48%	84,36	53,73%	119,02	75,81%

i. Situações Críticas e Medidas de Contingência

Face à caracterização realizada anteriormente, os pontos seguintes resumem as situações consideradas críticas em termos de abastecimento público de água, que constituem uma preocupação acrescida a sul do Tejo, nomeadamente nas Regiões Hidrográficas 5 (Tejo), 6 (Sado/Mira), 7 (Guadiana) e 8 (Ribeiras do Algarve), em particular em sistemas de abastecimento cuja origem não tem redundância com o sistema da EDIA ou outras origens alternativas. São ainda sumariamente descritas as medidas de contingência associadas a cada uma dessas situações, assim como a identificação e o ponto da situação das medidas estruturais de longo prazo.

Ponto de situação das Águas Públicas do Alentejo (AgdA)

Os principais problemas situam-se nas pequenas captações dos sistemas isolados situados no Maciço Antigo (1900 habitantes abrangidos), que exigem o transporte de água por autotanque. Para estas situações estão em curso várias empreitadas, em concreto no Sistema de Monte da Rocha e no Guadiana Sul. A conclusão dos trabalhos encontrava-se prevista para o final do primeiro semestre do corrente ano, contudo face aos condicionalismos provocados pela pandemia do Covid-19, estas datas poderão sofrer atrasos.

O maior problema estrutural é o do Monte da Rocha, albufeira da qual depende todo o respetivo sistema de abastecimento, que abrange 18 500 habitantes. Apresenta níveis baixos de armazenamento, embora a situação atual seja mais favorável do que a verificada em fins de 2017 e início de 2018. Neste caso, para além do projeto de ligação à EDIA, há que continuar a acompanhar a evolução dos níveis e da qualidade da água e a solicitação de medidas complementares de curto prazo, nomeadamente a paragem da captação de água para rega, de modo a assegurar 2 anos de Abastecimento Público.

Em março de 2021 a albufeira de Monte da Rocha continuou com a tendência verificada no último mês, tendo registado um ganho significativo do volume armazenado, passando de 34,41 hm³ para 30,20 hm³ (dos quais 5 hm³ são volume morto), o que representa cerca de 33,50% da sua capacidade de reserva. De salientar que este é o valor de armazenamento mais alto dos últimos cinco anos.

Nas restantes albufeiras com captações da AgdA também se verificou um aumento significativo do volume armazenado, designadamente nas albufeiras do Alvito e do Enxoé, que apresentam níveis no pleno armazenamento ou próximo disso, respetivamente 86,20% e 100,00%. A albufeira do Roxo manteve a tendência de subida registada no último mês, passando de 53% para 56% da sua capacidade de reserva, que representa o maior volume armazenado dos últimos 4 anos. À semelhança destas albufeiras, a de Santa Clara também registou um aumento do volume armazenado, estando agora com um nível superior ao do nível mínimo de exploração, possibilitando que a captação de água já não se faça no volume morto da albufeira, o que contribui para uma melhoria da água captada, Figura 30.

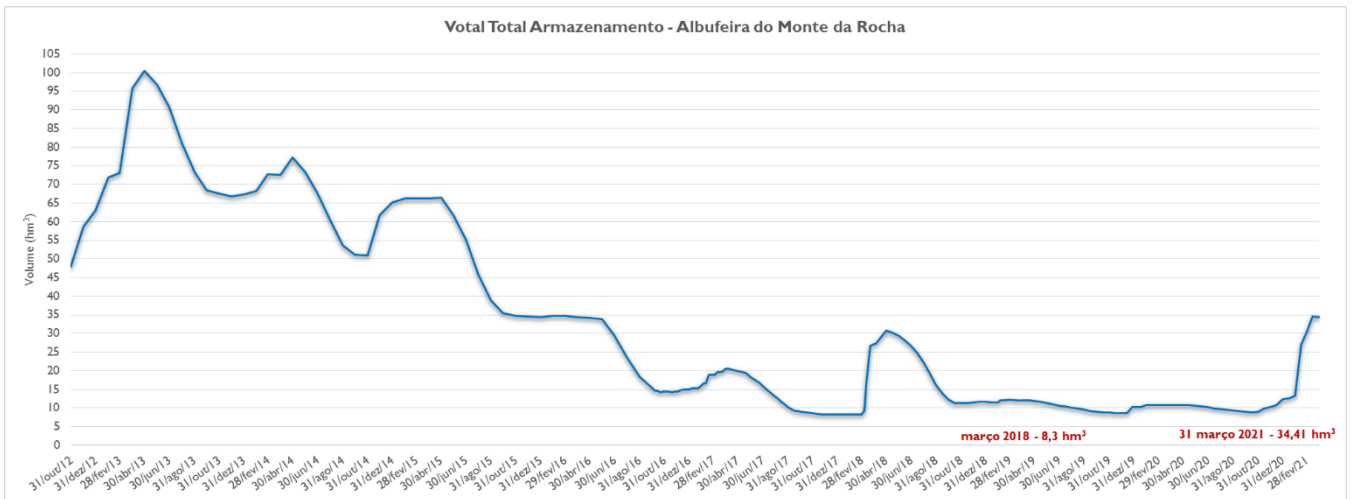


Figura 30. Volume armazenado na albufeira de Monte da Rocha. (Fonte: AdP).

Ao nível das origens subterrâneas, o sistema gerido pela Águas Públicas do Alentejo (Figura 31) teve ainda algumas povoações cujo abastecimento foi suportado por este tipo de origens, estando identificados alguns sistemas onde a qualidade e/ou quantidade disponível nestas origens apresentou-se em situação crítica:

- Sistemas isolados de Santiago do Cacém;
- Sistemas isolados de Mértola, Castro Verde e Almodôvar;
- Sistemas isolados de Odemira e Ourique.

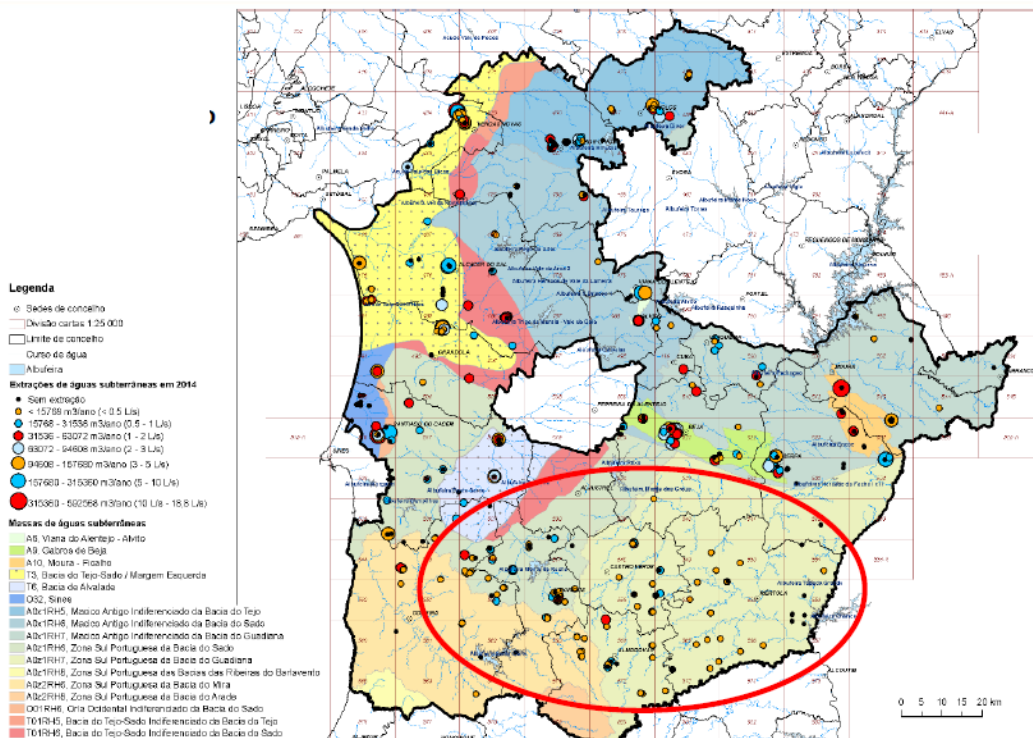


Figura 31. Sistema de abastecimento gerido pela Águas Públicas do Alentejo e respetivas captações subterrâneas. (Fonte: AgDA).

Medidas de Contingência

Durante 2019 e 2020 são significativos os volumes de água transportados por autotanque, sobretudo para aquelas povoações em que a solução de abastecimento definitivo ainda não está concluída, como é possível constatar na Tabela 8, pelo que se encontram em curso várias empreitadas para a alteração da origem de água destas captações. Do total da população abrangida pelo transporte de água por autotanque (1895 pessoas), 1065 (56,20%) já têm a situação resolvida, face à conclusão de algumas destas empreitadas, Figura 32.

Tabela 8. Síntese das povoações incluídas no sistema da Águas Públicas do Alentejo com abastecimento por autotanque (Fonte: AgdA) e respetivo ponto de situação de medidas estruturantes em curso.

Município	Povoação	População residente	Tipo de Problema		Transporte de água por autotanque (m3)													Observações	
			Quantidade	Qualidade	Acumulado 2019	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro		Acumulado 2020
Odemira	Relíquias	321	X		4405	18	0	157,5	70	0	0	0	0	0	0	0	0	245	Nova adução efetuada
	Luzianes	170	X		3223	0	0	0	0	0	105	770	734	332	298	175	0	2414	Redução de consumo e aumento de produção das captações
Ourique	Santa Luzia	312	X		7185	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	Nova adução efetuada
	Aldeia de Palheiros	331	X		1058	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	Nova adução efetuada
Castro Verde	São Marcos da Ataboeira	230	X	X	2600	0	0	0	0	0	20	60	200	0	0	0	0	280	Redução de consumo e aumento de produção das captações
Mértola	Alcaria Ruiva	91	X		6399	0	0	0	0	0	30	0	154	342	600	435	390	1951	
	Espirito Santo	50		X	2994	30	135	120	120	195	180	135	90	15	0	0	0	1020	Redução de consumo e melhoria da qualidade nas captações
	Penedos	101	X		2295	0	0	0	0	0	60	0	0	0	0	0	0	60	Solução intercalar efetuada
	São João Caldeireiros	132		X	9973	540	450	315	405	405	495	540	665	375	45	0	45	4280	
	Corte Gafó de Cima	157	X		2533	0	0	0	0	0	15	553	645	335	345	360	420	2673	
Totais		1895			42665	588	585	592,5	595	600	905	2058	2488	1399	1288	970	855	12923	



Município	Povoação	Ref. No mapa	População residente	Problema quantidade	Problema qualidade	Medidas tomadas	Resolução definitiva do problema
Odemira	Relíquias	1	321	X		Nova adução efetuada	Resolvido
	Luzianes	2	170	X		Obra de adução em curso	Março/21
Ourique	Santa Luzia	3	312	X		Nova adução efetuada	Resolvido
	Aldeia de Palheiros	4	331	X		Nova adução efetuada	Resolvido
Castro Verde	São Marcos da Ataboeira	5	230	X	X	Obra de adução em curso	Maio/21
Mértola	Alcaria Ruiva	6	91		X	Obra de adução em curso	Junho/21
	Espirito Santo	7	50		X	Em desenvolvimento um projeto de tratamento local	Abril/21
	Penedos	8	101	X		Obra de adução em curso. Implementada uma solução transitória	Maio/21
	São João Caldeireiros	9	132		X	Obra de adução em curso	Maio/21
	Corte Gafó de Cima	10	157	X		Obra de adução em curso	Maio/21

Figura 32 - Mapa com a localização das povoações incluídas no sistema da Águas Públicas do Alentejo com abastecimento por autotanque (Fonte: AgdA).

Ponto de situação das Águas de Santo André (AdSA)

A albufeira de Morgavel, que abastece o complexo industrial de Sines, encontrava-se no final de março com um volume armazenado útil de 24,73 hm³. A albufeira de Morgavel atingiu a seu nível máximo a 26 de março de 2021, tendo subido 11,49 m desde setembro de 2019 (momento em que a albufeira atingiu o nível mais baixo de 55,97 m). Atualmente encontra-se à cota 67,46 m, o que corresponde a 29,93 hm³ (dos quais 5,20 hm³ são volume morto).

A ausência de aflúências naturais a esta albufeira, bem como ao rio Sado, de onde é alimentada por bombagem, levou à necessidade de, em articulação com a APA, EDIA e ARBCAS, proceder a uma libertação de caudal proveniente do sistema da EDIA para o Rio Sado, com posterior captação em Ermidas do Sado pela AdSA.

Desde o início do protocolo até à presente data totalizou-se um volume de 19,75 hm³ de água transferida pelo EFMA. O volume de água captada pela AdSA em Ermidas, desde o início do protocolo, foi de 57,01 hm³, ou seja, em termos globais temos 34,64% de ganhos, justificados pela água proveniente do curso natural do rio Sado, fruto da forte precipitação que ocorreu no mês de novembro e dezembro, da suspensão da transferência de água do EFMA para a AdSA, entre o dia 21 de dezembro de 2019 e o dia 4 de fevereiro de 2020, e durante as intervenções de manutenção realizadas pela EDIA no seu ponto de descarga, o que indica que toda a água captada no açude de Ermidas nesses períodos, se traduziram em ganhos.

No dia 21 de maio a ARBCAS iniciou o seu período de cultivo e, conseqüentemente, o volume de água transvasado para o rio Sado foi diminuindo até à suspensão do transvase de água a partir do EFMA, no dia 13 de junho. O EFMA retomou a transferência de água no dia 6 de outubro, tendo-se atingido o volume máximo preconizado entre as partes a 26 de novembro, momento em que se interrompeu novamente o fornecimento. A retoma da transferência de água a partir do EFMA para a AdSA estava prevista para o início de fevereiro mas, devido à elevada precipitação que tem ocorrido e conseqüentemente ao aumento do volume armazenado na albufeira, não se prevê a necessidade de retomar o transvaze nos próximos meses.

A situação atual e as estimativas futuras do transvase do EFMA para a AdSA, da captação em Ermidas-Sado e dos consumos industriais, podem ser observadas na Figura 33.

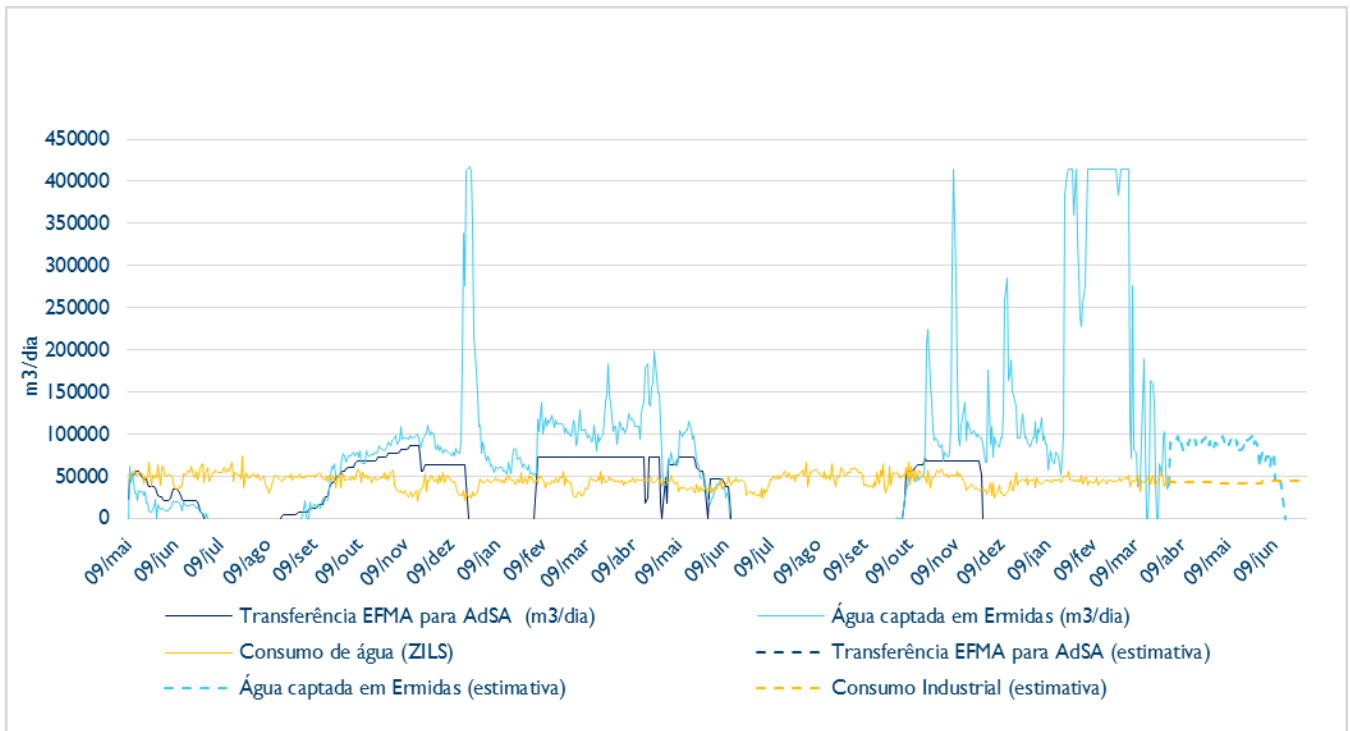


Figura 33. Volume armazenado na albufeira de Morgavel e projeção de cenários de armazenamento com e sem transferência de água do EFMA (Fonte: AdSA).

Medidas de Contingência

Apesar de suspenso, mantém-se operacional a transferência de água do sistema da EDIA para o Sado, e posterior captação na estação elevatória de Ermidas do Sado para a albufeira do Morgavel. Esta medida de contingência permitirá a recuperação dos volumes armazenados, caso seja necessário.

Ponto de situação das Águas do Algarve (AdA)

O Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e Saneamento do Algarve (SMAASA), numa gestão integrada e plurianual dos recursos hídricos, utiliza origens de água quer superficiais, quer subterrâneas, ajustando a sua estratégia de captação, numa avaliação contínua, em função das características dos anos hidrológicos/disponibilidades hídricas registadas nas origens; e da capacidade de redundância e flexibilidade na gestão do SMAASA (em termos de redundância de origens, capacidade de produção de água, transferência de água tratada entre subsistemas e gestão da distribuição).

A albufeira da barragem de Odelouca, destinada exclusivamente ao abastecimento público de água, é uma das principais origens de água superficial do SMAASA, que recorre ainda às albufeiras do Aproveitamento Hidráulico de fins-múltiplos de Odeleite-Beliche e a água proveniente da albufeira da Bravura (de fins-múltiplos), através de captação no Canal de Rega deste Aproveitamento Hidráulico.

De referir ainda que, no ano 2020, o abastecimento público (Águas do Algarve S.A) recorreu ainda à captação de água na albufeira da barragem do Funcho, apesar de não ser um utilizador principal desta albufeira. De facto, e

no âmbito das medidas estabelecidas para fazer face à situação de seca do ano hidrológico de 2019-2020, foi atribuído à Águas do Algarve S.A, um Título de Utilização de Recursos Hídricos (TURH) de carácter temporário e excepcional, para a captação de um volume de água de 15 hm³ na albufeira do Funcho, em alternativa à captação na albufeira do Odelouca, contribuindo para a recuperação dos volumes armazenados nesta última albufeira.

As origens superficiais do SMAASA são complementadas com o recurso à captação de água subterrânea, através dos Sistemas de Captações Subterrâneas de Benaciate e de Vale da Vila, localizados no aquífero de Querença-Silves e do Sistema de Captações Subterrâneas de Almádena, localizado no aquífero de Almádena-Odiáxere.

Na são apresentados os volumes totais captados pelo SMAASA, por origem de água, para assegurar as necessidades do Abastecimento Público ao Algarve, no presente ano hidrológico, nomeadamente entre 1 de Outubro de 2020 e 31 de Março de 2021.

Tabela 9, são apresentados os volumes totais captados pelo SMAASA, por origem de água, para assegurar as necessidades do Abastecimento Público ao Algarve, no presente ano hidrológico, nomeadamente entre 1 de Outubro de 2020 e 31 de Março de 2021.

Tabela 9. Volumes de Água Captados nas Origens de Água do SMAASA, para o Abastecimento Público no ano hidrológico de 2020-2021 (Fonte: AdA)

Volumes de Água Captados nas Origens de Água do SMAASA para o Abastecimento Público (m³) - Ano hidrológico de 2020-2021 -			
Origem de Água		1 de Outubro 2020 a 31 Março 2021	
Superficial	Albufeira da Bravura	219.780	25.093.276
	Albufeira do Funcho	0	
	Empreendimento Hidráulico de Odeleite-Beliche	8.442.584	
	Albufeira de Odelouca	16.430.912	
Subterrânea	Aquífero de Almádena\Odeáxere	118.717	1.660.534
	Aquífero de Querença\Silves	1.541.817	
Total Abastecimento Público		26.753.810	

Da análise dos dados apresentados pode verificar-se que, entre 1 de Outubro de 2020 e 31 de Março de 2021, foram captados nas origens de água do SMAASA, cerca de 26,8 hm³ de água, com recurso a origens superficiais (25,1 hm³) e origens de água subterrâneas (1,7 hm³).

O ano hidrológico anterior (2019-2020) caracterizou-se como um ano seco, e na maior parte da região do algarve verificou-se a persistência da situação de seca severa, sendo que o sotavento algarvio apresentou-se em situação de seca meteorológica extrema, por vários meses consecutivos.

De facto, nos últimos anos hidrológicos registaram-se fracas afluências na generalidade das albufeiras que constituem origens de água do SMAASA, não tendo sido possível garantir as necessárias regularizações de volumes armazenados, e acentuando-se o défice em termos de disponibilidade hídrica destas albufeiras.

O novo ano hidrológico de 2020-2021 tem tido um período húmido mais auspicioso, verificando-se episódios de precipitação recorrentes, que se têm traduzido em afluências às albufeiras da região, e que têm permitido um aumento dos volumes de água armazenados.

Na são apresentados os volumes armazenados, entre 31 de Março de 2020 e 31 de Março de 2021, nas albufeiras que constituem origens de água superficial do Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e Saneamento do Algarve (SMAASA).

Tabela 10 são apresentados os volumes armazenados, entre 31 de Março de 2020 e 31 de Março de 2021, nas albufeiras que constituem origens de água superficial do Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e Saneamento do Algarve (SMAASA).

Tabela 10. Evolução dos volumes mensais de água armazenada nas albufeiras do SMAASA, entre 31 de março de 2020 e 31 de março de 2021 (Fonte: AdA)

	BARRAGEM DE ODELOUCA				BARRAGEM DE ODELEITE				BARRAGEM DE BELICHE				BARRAGEM DE BRAVURA			
Capacidade Total de Armazenamento (hm ³)	157,14				130,00				48,00				34,82			
Capacidade Útil de Armazenamento (hm ³)	128,20				108,80				42,89				32,26			
Data	Volume Total		Volume Útil		Volume Total		Volume Útil		Volume Total		Volume Útil		Volume Total		Volume Útil	
	hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%
31-03-2020	84,36	53,68%	55,42	43,23%	51,40	39,54%	30,20	27,76%	15,71	32,72%	10,60	24,71%	10,89	31,26%	8,32	25,80%
30-04-2020	90,00	57,27%	61,06	47,63%	63,79	49,07%	42,59	39,15%	19,80	41,25%	14,69	34,25%	11,11	31,89%	8,54	26,47%
31-05-2020	91,06	57,95%	62,12	48,46%	62,41	48,01%	41,21	37,88%	19,32	40,26%	14,21	33,14%	10,76	30,91%	8,20	25,42%
30-06-2020	90,43	57,55%	61,49	47,96%	57,64	44,34%	36,44	33,50%	17,72	36,92%	12,61	29,40%	9,95	28,57%	7,38	22,89%
31-07-2020	86,28	54,91%	57,34	44,73%	50,84	39,11%	29,64	27,24%	15,39	32,07%	10,28	23,97%	8,14	23,39%	5,58	17,29%
31-08-2020	82,05	52,21%	53,11	41,43%	43,48	33,44%	22,28	20,47%	12,64	26,33%	7,53	17,55%	6,37	18,30%	3,81	11,80%
30-09-2020	78,55	49,99%	49,61	38,70%	37,90	29,15%	16,70	15,35%	10,75	22,40%	5,64	13,16%	5,07	14,55%	2,50	7,76%
31-10-2020	74,71	47,54%	45,77	35,70%	41,66	32,05%	20,46	18,81%	12,06	25,13%	6,95	16,21%	4,67	13,41%	2,11	6,53%
30-11-2020	76,81	48,88%	47,87	37,34%	58,83	45,26%	37,63	34,59%	18,38	38,29%	13,27	30,93%	4,87	14,00%	2,31	7,16%
31-12-2020	87,15	55,46%	58,21	45,40%	66,70	51,30%	45,50	41,82%	20,91	43,56%	15,80	36,84%	7,45	21,40%	4,89	15,15%
31-01-2021	87,34	55,58%	58,40	45,55%	68,42	52,63%	47,22	43,40%	21,56	44,91%	16,45	38,35%	7,94	22,79%	5,37	16,65%
28-02-2021	113,64	72,32%	84,70	66,07%	86,89	66,84%	65,69	60,38%	28,26	58,87%	23,15	53,97%	11,88	34,12%	9,32	28,88%
31-03-2021	119,02	75,74%	90,08	70,27%	92,83	71,41%	71,63	65,84%	30,25	63,03%	25,14	58,63%	12,29	35,29%	9,73	30,15%

No que se refere à albufeira da barragem de Odelouca, (origem exclusiva para o abastecimento público) os caudais afluentes resultantes dos episódios de precipitação registados neste novo ano hidrológico de 2020-2021 têm vindo a contribuir para um incremento do volume total armazenado. Assim, a 31 de Março de 2021, o volume

total de água armazenada nesta albufeira era de cerca de 119,02 hm³ (a que corresponde um volume útil de 90,08 hm³), valor que permite assegurar uma reserva de água superior a um ano de consumo do abastecimento público, tendo em consideração os volumes médios captados nesta albufeira, assim como outros consumos (caudais reservados e ecológicos) e perdas por evaporação.

Na albufeira da Bravura (fins-múltiplos), que apresentava no final do ano hidrológico de 2019-2020 valores de armazenamento de água muito baixos, face aos valores médios que a caracterizam, verifica-se alguma recuperação dos volumes armazenados, ainda que as percentagens de armazenamento se situem na ordem dos 35%. Em 31 de Março de 2021, registava-se um volume total armazenado de cerca de 12,3 hm³ (que corresponde a um volume útil de 9,7 hm³). Estes valores acarretam ainda alguma preocupação, no entanto, o presente período húmido ainda não terminou, e há a expectativa de que se verifiquem condições, em termos de precipitação e escoamento, que possam ainda incrementar os volumes armazenados.

Nas albufeiras de fins-múltiplos de Odeleite e de Beliche, em termos de escassez hídrica e satisfação dos usos, a situação continua a evoluir de forma favorável, dado que este novo ano hidrológico de 2020-2021 tem permitido alguma recuperação dos volumes armazenados nestas albufeiras.

No dia 31 de Março de 2021, as albufeiras de Odeleite e Beliche apresentavam volumes totais de água armazenada de cerca de 92,8 hm³ e 30,3 hm³ respetivamente (a que corresponde um volume útil total, no conjunto das duas albufeiras, de cerca de 96,7 hm³).

No final de Março de 2021 e da análise dos volumes úteis de água disponíveis nestas albufeiras, face à satisfação dos diversos usos, verifica-se que, os volumes de água armazenados no conjunto destas duas albufeiras permitem já garantir um ano de reserva, havendo a expectativa de que, até ao final do presente período húmido, se possa verificar ainda algum incremento destes volumes.

Medidas de Contingência

A Águas do Algarve S.A. (AdA), tem sempre assumido um grande compromisso, demonstrado empenho e efetuado investimento significativo, quer na construção de novas infraestruturas, de soluções redundantes de origens de água, tratamento e adução; quer ao nível de projetos, planos, recursos, ferramentas e estratégias de gestão; para promover a melhoria na adaptação do Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e Saneamento do Algarve (SMAASA) aos fenómenos de escassez hídrica, característicos da região do Algarve.

Estas medidas, ainda que com custos e investimento assinaláveis, têm vindo a conferir ao SMAASA maior robustez e resiliência, melhorando a resposta a eventuais situações de emergência e contingência, e num contexto de elevada eficiência hídrica. Como resultado, e apesar dos fortes condicionalismos e desafios que os anos de seca têm imposto à gestão do SMAASA, não se verificaram, nos últimos 15 anos, e até à presente data, falhas no abastecimento público de água no Algarve, na área da Concessão deste Sistema.

No entanto, em cenários de longos períodos de escassez hídrica, como os que vivenciamos nos últimos anos na região do algarve, e que se prevê que sejam cada vez mais recorrentes (no contexto das alterações climáticas) e considerando ainda as necessidades de consumo dos demais utilizadores desta região, as soluções implementadas pela AdA para resiliência do SMAASA, podem ter necessidade de ser reforçadas, para garantia do abastecimento público de água ao Algarve.

Para fazer face a esta situação, a Águas do Algarve. S.A., em estreita articulação com a Agência Portuguesa do Ambiente (APA), e no âmbito do Plano Regional de Eficiência Hídrica do Algarve, tem contribuído para a identificação e implementação de um conjunto de soluções e medidas, de curto, médio e longo prazo, de entre as quais se destacam:

Curto prazo:

- Promover a elaboração de projeto e obra, para a instalação de um Sistema Temporário de Captação do Volume não utilizável/morto da albufeira de Odeleite;
- Contribuir para a Promoção da utilização de águas para reutilização (ApR) em usos urbanos não potáveis, de forma a reduzir a captação de água e a pressão sobre as atuais origens, tendo sido estabelecidos Protocolos de fornecimento neste sentido;
- Contribuir para a Avaliação da operacionalidade e definição do modelo de exploração das captações públicas de água subterrânea estratégicas para o abastecimento público, no âmbito do Sistema Multimunicipal de Abastecimento e Saneamento do Algarve (SMAASA);
- Reforçar as campanhas de sensibilização e comunicação, sobre a necessidade de redução de consumos de água na região, utilização responsável da água e aumento da eficiência hídrica;

Médio/Longo prazo:

- Promoção de Estudo do reforço da interligação dos subsistemas de abastecimento do barlavento e do sotavento, para otimização da transferência de água tratada no SMAASA;
- Promoção de Estudo para a Construção de uma Estação de Tratamento de Água por Dessalinização;
- Articulação com a APA no âmbito dos estudos a serem desenvolvidos por Serviços Técnicos de Especialidade, para a captação de água no Pomarão, na bacia do Guadiana;
- Articulação e colaboração com a APA, no âmbito dos estudos que esta entidade pretende promover, para a avaliação das disponibilidades hídricas atuais e futuras, atendendo às alterações previstas para o regime de precipitação e alteração de temperatura, e a viabilidade técnica, ambiental e de sustentabilidade económica de várias soluções, que possam aumentar a reserva hídrica.

Ponto de situação da Águas do Vale do Tejo (AdVT)

A quase totalidade das albufeiras que constituem origens de água da AdVT mantêm o nível de pleno armazenamento conseguido nos últimos meses. Não obstante, as albufeiras de Santa Luzia (69%), Caldeirão (69%) e Póvoa e Meadas (65%) apresentam uma percentagem de volume armazenado inferior a 70%.

Mantém-se o acompanhamento permanente do balanço de disponibilidades/necessidades nas situações que constituem preocupação acrescida caso se mantenha o padrão climático que se tem vindo a registar nos últimos anos, nomeadamente nas albufeiras da Vigia, Penha Garcia, Monte Novo, Póvoa e Caia.

No que se refere às captações subterrâneas não existem nesta data situações a destacar.

Apresenta-se de seguida a situação das albufeiras que, no ano hidrológico 2019/2020, constituíram situações críticas ou de maior preocupação, bem como alguns aspetos relevantes a considerar durante o ano hidrológico 2020/2021, no que se refere a medidas equacionadas no curto/médio prazo, algumas delas já implementadas ou em implementação:

Albufeira da Vigia (Centro Alentejo)

A cota atual é de 224,00 m, que corresponde a um volume de armazenamento da ordem de 16,73 hm³, ou seja, cerca de 100% da sua capacidade de reserva.

Com o objetivo de mitigar os riscos associados à continuidade de serviço da ETA da Vigia, aumentando a capacidade de resposta da albufeira para fazer face a situação de seca, está planeada, como medida estrutural, a ligação do sistema do EFMA à ETA da Vigia, obra que, se prevê que esteja concretizada até 2023.

Albufeira do Monte Novo (Centro Alentejo)

No final de março de 2021, foi atingida a cota de 196 m, correspondendo a um volume de armazenamento de cerca de 15,27 hm³ que equivale a cerca de 100% da sua capacidade de reserva. O volume armazenado corresponde a uma autonomia superior a 2 anos se considerarmos o abastecimento como uso exclusivo da albufeira (captação anual em 2020 na ordem de 7 hm³). No entanto existindo outro utilizador, o risco de falha mantém-se, requerendo pois um acompanhamento permanente e a continuidade do acompanhamento durante o ano hidrológico 2020/2021.

A solução estrutural preconizada passará pela ligação direta do canal do EFMA à ETA do Monte Novo, empreitada que já está em curso, prevendo-se que a sua conclusão possa ocorrer em 2021.

Albufeira do Caia (Norte Alentejo)

No final de março de 2021, foi atingida a cota de 230,56 m, correspondendo a um volume de armazenamento de cerca de 152,00 hm³ que equivale a cerca de 74,9% da sua capacidade de reserva. O volume armazenado corresponde a uma autonomia de abastecimento muito superior a 4 anos (captação anual em 2020 na ordem de 2,4 hm³), se considerarmos o abastecimento como uso exclusivo da albufeira. No entanto, considerando a existência de outro importante utilizador (Associação de Beneficiários do Caia), importa manter um acompanhamento permanente e a continuidade do mesmo durante o ano hidrológico 2020/2021.

Albufeira de Penha Garcia (Beira Baixa)

A 31 de março de 2021, o volume armazenado era de 1,06 hm³ equivalendo a cerca de 99,1 % da sua capacidade de reserva. O volume armazenado corresponde a uma autonomia de abastecimento de aproximadamente 1 ano e meio (captação anual em 2020 na ordem de 0,68 hm³), pelo que o risco de falha num futuro próximo permanece, resultando que, caso não se verifique um aumento da regularidade da precipitação naquela região será necessário recorrer às medidas de contingência implementadas ou em implementação. De seguida resumem-se as medidas ainda em curso:

- Do lado da oferta:
 - Reforço de abastecimento a partir da barragem de Toulica (em curso as necessárias diligências para a operacionalização da solução, nomeadamente a recuperação de equipamentos da antiga ETA da Toulica que se encontra atualmente desativada, prevendo-se a sua conclusão até final do primeiro semestre de 2021);
 - Reforço de abastecimento a partir do furo de Alcafozes (em curso as necessárias diligências para a operacionalização da solução definida prevendo-se a sua conclusão até final do primeiro semestre de 2021).
- Do lado da procura:
 - As equipas da EPAL/AdVT continuam a acompanhar a situação junto do município. Nesta data todos os reservatórios municipais estão já dotados de medição de caudais e monitorização de caudais e pressão, tendo sido disponibilizada, pela EPAL/AdVT, uma licença de consulta do software de perdas para todos estes pontos, para que o Município possa diariamente acompanhar o sistema e atuar na redução de perdas associadas ao sistema municipal.

Outras Medidas Estruturais a Implementar na Águas do Vale do Tejo

Visando aumentar a flexibilidade e a resiliência do subsistema de Penha Garcia, estão em estudo soluções estruturais para reforço do mesmo a partir de outras origens, que terão de ser devidamente apresentadas e

autorizadas pela autoridade nacional da água, nomeadamente o reforço do sistema a partir de novas ligações ao subsistema de Penamacor (origem Meimoa/origem Bazágueda).

No Polo Regional do Alentejo, estão em estudo soluções estruturais para reforço do sistema a partir de origens alternativas e interligação entre subsistemas, visando criar condições para uma maior resiliência.

i. Medidas Estruturais: Identificação e Ponto de Situação

Neste capítulo são identificadas e caracterizadas sumariamente as ações estruturais, sob responsabilidade e/ou em articulação com o Grupo Águas de Portugal (AdP) proposta pelo Grupo de Trabalho em fases anteriores. Neste âmbito destacam-se as seguintes ações:

- Iniciativas entre o Grupo AdP e a Empresa de Desenvolvimento das Infraestruturas de Alqueva (EDIA);
- Programa de intervenções de curto prazo em albufeiras;
- Campanha de sensibilização para a situação de escassez junto de clientes industriais e Municipais;
- Medidas extraordinárias a implementar em cenário de prolongamento de seca no período húmido do ano hidrológico de 2019/2020.

Nos parágrafos seguintes é sistematizado o ponto de situação de cada uma destas ações.

Interligação de Sistemas (Protocolo com AdVT, AgdA, AdSA e EDIA de 17 de fevereiro de 2018)

Objetivo: Garantir a articulação para a promoção da concretização de um conjunto de projetos relativos ao reforço da componente de abastecimento de água para consumo humano na região do Alentejo. Eixos de articulação:

- A promoção da realização de investimentos destinados a assegurar novas ligações de abastecimento de água de Alqueva a albufeiras e sistemas hidráulicos deficitários e a melhoria da ligação presente e novas ligações a origens do EFMA – Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, dos sistemas públicos de abastecimento de água para aumento da sua fiabilidade e resiliência;
- A melhoria da resposta em situações de contingência;
- A dinamização de iniciativas visando melhorar a eficiência hídrica e energética em sistemas;
- A cooperação nos domínios técnico e operacional, para reforço da capacitação das PARTES.

Principais desenvolvimentos: na sequência da assinatura dos Acordos de articulação entre a EDIA - Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva, S.A. e as empresas do Grupo Águas de Portugal, prosseguem as atividades em torno das diversas áreas de intervenção de acordo com o previsto, sem prejuízo de alterações face ao previsto, sendo de relevar:

- Está em curso a empreitada de ligação à ETA do Monte-Novo, prevendo-se a sua conclusão para 2021, na sequência do replaneamento anteriormente efetuado;

- A execução em curso da empreitada da EDIA que inclui a interligação ao Sistema de Morgavel, o que remete a sua conclusão para 2021.
- A adjudicação da empreitada de interligação da adutora do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva à ETA do Roxo e a recolha de documentação tendo em vista a assinatura do respetivo contrato.
- A apreciação e discussão do estudo que abrange o Sistema de Divor, tendo-se já realizados contatos com o Município de Arraiolos, tendo presente o desinteresse da EDIA na articulação com a Albufeira de Divor e o Estudo Hidrológico para Avaliação das Reservas Hídricas Subterrâneas disponíveis na zona de captação de Arraiolos/Igrejinha, coordenado pelo Prof. António Chambel, que esteve na base da abertura de mais um furo para reforçar captações.
- Sistema do Alandroal:
 - Furo do Algar das Morenas: Melhorado e aprofundado em 2019. Em 2020 começou a apresentar problemas de produtividade;
 - Captação da Palha: Concluídos em 2019 os trabalhos de instalação de sistema de tratamento complementar. Em funcionamento regular;
 - Face aos problemas surgidos em 2020 foi iniciado o estudo geral dos algares de Santo António e das Morenas, para tentar identificar novas soluções;
 - Está a ser contratado uma nova pesquisa junto à ETA do Alandroal, para tentar reforçar as restantes captações.
- Sistema de Borba:
 - Realizado furo de reforço em 2019 e em colocação de funcionamento total no mês de julho de 2020;
 - Já não existem problemas de quantidade ou qualidade em Borba.
- Sistema da Vigia:
 - Na sequência da receção no mês de julho de 2020 do projeto de execução promovido pela EDIA, a EPAL/AdVT entrou numa fase de análise da melhor solução técnica, com a ponderação de cenários alternativos;
 - Deste modo, a previsão de conclusão da empreitada encontra-se neste momento remetida para o ano de 2024.
- Conclusão do projeto de inovação REUSE, em torno da adaptação às alterações climáticas, com envolvimento de entidades como a APA - Agência Portuguesa do Ambiente, FENAREG - Federação Nacional de Regantes, a COTR - Centro Operativo e de Tecnologia de Regadio, a EFACEC e o Instituto Superior de Agronomia. Após uma primeira fase de ensaios laboratoriais etapa, seguiram-se ensaios à escala industrial de piloto de desinfeção e produção de ApR e iniciado o seu fornecimento ao terreno agrícola, em paralelo com articulação pioneira com a APA para emissão da licença de descarga da ETAR de Beja para permitir a concretização do processo de licenciamento da produção de ApR, juntamente com

monitorização de piloto em Alvito. De realçar no decorrer do projeto a reportagem em junho de 2020 para o programa “Faça Chuva Faça Sol” da RTP 2. Tendo em conta a sua importância foram desencadeadas diligências para a sua continuidade tendo em vista a concretização da segunda campanha de rega prevista.

- O retomar do projeto de execução relativo à interligação com o sistema de Monte da Rocha, na sequência da articulação de posições entre a EDIA e o Instituto da Conservação da Natureza, confrontou-se com constrangimentos ambientais, designadamente escavações em maciço, com preços de escavações bastante diferentes e trabalhos geotécnicos complementares, que irão exigir um período adicional para a conclusão do projeto de execução, encontrando-se prevista a entrega na APA juntamente com o respetivo Estudo de Impacte Ambiental para novembro de 2020. A estimativa mais recente para a conclusão desta intervenção já admite o primeiro semestre de 2024 (originalmente 2022), sem prejuízo da necessidade de ser requerido um especial acompanhamento no âmbito do Programa Nacional de Regadios, na qual está incluída esta intervenção, tendo em conta as dificuldades processuais administrativo-financeiras com que se têm confrontado outras intervenções, e que, a verificarem-se na mesma, comprometerão de modo irreversível os prazos indicados.

Interligação Reforço a Beja (Sistema da Magra)

Esta atividade já se encontra concluída e em pleno funcionamento.

Objetivo: Reforço da fiabilidade e robustez da componente de abastecimento de água para consumo humano à cidade de Beja e zona oeste do concelho (Baleizão, Quintos, Salvada e Cabeça Gorda, num total de 30 mil habitantes e cerca de 16 mil alojamentos).

Principais desenvolvimentos: o Sistema da Magra é composto por 2 componentes. ETA da Magra e Adução do Sistema da Magra podendo a situação resumir-se como se segue:

- ETA da Magra – Trabalhos de Construção civil concluídos, encontrando-se em fase de arranque desde 26 de junho de 2019. A instalação já se encontra em pleno funcionamento com produção de água potável;
- Adução do Sistema da Magra - Empreitada com conclusão em 20 de maio de 2019, encontrando-se em pleno funcionamento, após conclusão de exigências acrescidas de afinação de automatismos e desinfeção de condutas.

Programa de Intervenções de Curto Prazo em Albufeiras

Esta atividade já se encontra concluída.

Objetivo: Melhoria da qualidade e aumento da disponibilidade dos sistemas de fornecimento de água.

Principais desenvolvimentos:

- Barragem de Pretarouca:
 - Objetivo: criar uma reserva para apoio regional em situações de seca prolongada, através da colocação de comportas com 2 m de altura útil no descarregador de cheias, o que vai permitir aumentar a

capacidade útil da albufeira e disponibilizar adicionalmente cerca de 1.440.000 m³/ano de água, a que corresponde um aumento de 34% do volume de água disponível;

- O projeto de instalação de comportas no descarregador de cheias foi concluído em dezembro de 2018, foi proposta a abertura de procedimento com vista à contratação durante o mês de janeiro de 2019, tendo sido publicado o respetivo anúncio em fevereiro de 2019;
- Os trabalhos foram retomados a 27 de abril após a suspensão motivada pela situação de pandemia;
- Até à declaração de pandemia, encontrava-se previsto que as obras tivessem a duração de seis meses, sendo que após atraso anteriormente registado, a conclusão dos trabalhos tinha sido para a segunda quinzena de abril de 2020 (anteriormente 2.ª quinzena de fevereiro). Os trabalhos encontram-se concluídos, após episódio de desaparecimento das peças metálicas para fixação dos balões das comportas, assim como os ensaios por parte de entidade inglesa no âmbito da patente da solução.
- As empreitadas de remoção de inertes das albufeiras, contratadas na sequência do período de seca de 2017, têm os trabalhos concluídos, após o nível de água nas albufeiras terem permitido o acesso a estas áreas. Saliente-se que tendo em conta o baixo volume da albufeira de Monte da Rocha (9,4%, dados de julho) e os riscos de forte perturbação da qualidade da água, tendo em conta em particular os antecedentes de descargas da ETAR de Ourique, esta atividade não foi desenvolvida na referida albufeira, assim como continua a não ser aconselhável a sua execução.

Medidas de Comunicação

Na Águas de Santo André estão a ser desenvolvidas campanhas de comunicação e sensibilização dos principais clientes nos diferentes sistemas afetados, com vista a incremento da eficiência hídrica em cada um dos casos. Na situação específica do sistema gerido pela AdSA, foi criada uma comissão de acompanhamento da seca incluindo Petrogal, Repsol, EDP, Indorama e AICEP.

A Águas do Algarve iniciou antes do período de verão um processo de comunicação conducente à criação de uma consciência para um consumo racional do recurso água, que se mantém, com especial incidência junto da comunicação social local, municípios e escolas.

IV. Transferência do sistema Alqueva - Pedrogão

Os volumes globais transferidos a partir de Alqueva e Pedrogão para perímetros e aproveitamentos confinantes, estão apresentados nas Tabela 11 e Tabela 12. São, ainda, indicados os volumes transferidos para cada um dos subsistemas do EFMA.

Tabela 11. Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão a 31 de março de 2021 (Fonte: EDIA)

Albufeiras	Cota	NPA	Volume total albufeira	Volume útil albufeira	Volume armazenado	Volume morto	Volume útil armazenado	Percentagem volume útil
	(m)	(m)	(hm3)	(hm3)	(hm3)	(hm3)	(hm3)	%
Alqueva	150,26	152,00	4150,00	3117,00	3764,0	1033,0	2731,0	87,6
Alvito	195,98	197,50	132,50	130,00	114,20	2,50	111,7	85,9
Brinches	132,28	135,00	10,90	9,57	8,71	1,33	7,4	77,1
Amoreira	134,00	135,00	10,69	8,99	9,49	1,7	7,8	86,6
Pisão	154,87	155,00	8,20	6,66	8,09	1,5	6,6	98,4
S. Pedro	140,72	142,50	10,83	8,55	5,62	2,28	3,3	39,1
Serpa	123,42	123,50	10,20	9,90	10,20	0,3	9,9	100,0
Loureiro	221,08	222,00	6,98	2,48	6,2	4,50	1,7	69,3
Penedrão	168,66	170,0	5,2	3,60	4,2	1,6	2,6	73,3

Tabela 12. Volumes mensais (hm³) de água transferidos do sistema Alqueva-Pedrogão em 2021 (Fonte: EDIA)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Total
Odivelas	0,000	4,608	5,576									10,18
Roxo*	0,000	0,000	0,000									0,00
Vale do Gaio	0,000	0,000	0,000									0,00
Enxoé	0,105	0,102	0,117									0,32
Monte Novo	0,000	0,000	0,000									0,00
Alto-Sado	0,000	0,000	0,063									0,06
Guadiana-Álamos	0,000	0,000	0,868									0,87
Ardila	0,094	0,068	0,180									0,34
Pedrogão MD	0,032	0,135	1,759									1,93
Loureiro-Alvito	0,000	0,003	0,527									0,53
Vigia	0,265	0,060	0,010									0,34

* Inclui consumos clientes EDIA, ARBCAS e ADSA

Volumes Elevados	(hm ³)
Subsistema	Total
Alqueva	0,87
Ardila	0,342
Pedrogão	1,93

ANEXOS

Anexo I

Variação da Área Cultivada em relação à campanha anterior (%) Campanha 2020/21

(Fonte: DRAP)

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras					
Milho					
Sorgo					
Aveia		0			
Azevém		0 a +30		-8 a 0	
Centeio		-60 a 0			
Consociações				0	
Leguminosas		0 a +10			
Prados temporários		0 a +10			
Pastagens permanentes					
Cereais outono/inverno:					
Trigo mole	-20 a 0	-70 a 0	0 a +15	-5 a 0	+2 a +3
Trigo duro			n.d.	-5 a 0	+2 a +3
Triticale	0 a +10	-30 a 0	0	0	0
Aveia	-65 a 0	-5 a 0	0 a +10	0	+2 a +3
Centeio	-26 a 0	-55 a 0	0	0	0
Cevada	-5 a 0	-5 a +900	0	-10 a 0	+2 a +3
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz					
Batata Sequeiro	0	0 a +20	-20		-10 a -5
Batata Regadio	0	-10 a +20	-20 a 0	0 a +10	0
Feijão					
Girassol					
Grão-de-Bico					
Milho de Regadio					
Milho de Sequeiro					
Melão				0	
Tomate para Indústria					

n.d. – Não disponível

Anexo II

Variação da Produtividade/Produção em relação à campanha anterior (%)

Campanha 2020/2021

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras:					
Aveia					
Azevém				+20 a +25	
Centeio					
Consociações				+20 a +25	
Milho					
Sorgo					
Cereais outono/inverno:					
Trigo mole	-10 a 0	-5 a +20	0 a +20	+5 a +10	0 a +6
Trigo duro			0	+5 a +10	0 a +6
Triticale	0	-5 a +20	0 a +10	+5 a +10	+4 a +6
Centeio	-10 a 0	-5 a +20		+10	+3 a +4
Cevada	-10 a 0				
Aveia	-10 a +10	-5 a +20	0 a +10	+5	+10
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz					
Batata Sequeiro					
Batata Regadio					
Feijão					
Milho de Regadio					
Milho Sequeiro					
Grão-de-Bico					
Melão					
Tomate para Indústria					
Culturas Permanentes					
Amêndoa					
Avelã					
Azeitona de Mesa				-	
Azeitona de Azeite	-84 a +50*	-95 a +60*	-50 a -40*	-50 a -20*	-76 a -58 *
Cereja					
Castanha					
Kiwi					
Laranja					+3*
Maçã					
Noz					
Pêra					
Pêssego					
Uva de Mesa					
Uva para Vinho					

Nota: * - Produção

Anexo III

7ª Reunião da Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca

No dia 18 de maio de 2020 realizou-se a sétima reunião da Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca (CPPMAES), com a seguinte ordem de trabalhos:

- Aprovação da ordem de trabalhos;
- Evolução da situação nas vertentes meteorológica, hidrológica, abastecimento público e agrícola;
- Ponto de situação dos Planos de Eficiência Hídrica do Alentejo e Algarve;
- Ponto de situação da execução e implementação das medidas aprovadas pela CPPMAES na 6ª reunião (20 de novembro de 2019);
- Outros assuntos.

Em resumo, as principais conclusões da reunião foram as seguintes:

- Em consequência das chuvas de abril e início de maio verificou-se um desagravamento da intensidade da seca meteorológica (índice PDSI) tendo-se verificado que grande parte do território está classificado como “normal” e que na região Sul, já não se verifica a classe de “seca severa” e “seca extrema”;
- Continua a verificar-se problemas de seca hidrológica a sul do rio Tejo, onde o nível de armazenamento total das albufeiras continua abaixo da média;
- Releva a importância do desenvolvimento dos Planos Regionais de Eficiência Hídrica do Algarve e do Alentejo (Despacho nº 443/2020 e 444/2020) tendo ainda sido evidenciado que:
 - O Plano Regional do Alentejo está a ser desenvolvido. O mesmo está na fase de compilação e harmonização da informação obtida estando previsto, para breve (final de julho), a sua conclusão;
 - Pela sua urgência, o Plano Regional do Algarve está praticamente concluído e a sua apresentação ficou prevista para o final de junho.
- Deste modo, ficou definido que não se iriam adotar nenhuma medida específica para além do acompanhamento normal da situação, do acompanhamento das medidas já levadas a cabo e dar continuidade às medidas de carácter estrutural definidas em reuniões anteriores e que aqui voltamos a elencar.

Medidas

A existência da Comissão Interministerial e respetivo Grupo de Trabalho de assessoria técnica, enquanto fórum de debate e de integração de todos os aspetos relevantes para a gestão de situações de seca, e as ações que desde julho de 2017 têm vindo a ser tomadas, permitem hoje um melhor acompanhamento da situação, uma maior resiliência e gestão das disponibilidades existentes, minimizando, de forma mais efetiva e progressiva, as alterações que vão ocorrendo nas disponibilidades hídricas e condições meteorológicas. Do que foi realizado importa salientar:

- Aprovação do Plano de Prevenção, Monitorização e Contingência para Situações de Seca;
- Elaboração de relatórios de monitorização mensais, podendo a frequência ser aumentada em caso de contingência, com incremento da monitorização;
- Acompanhamento regular permitiu, nas situações de seca, a adoção mais célere e atempada de ações que permitiram a mitigação dos seus efeitos na atividade dos agricultores;
- Reforço da monitorização e da sua disponibilização;
- Promoção de uma melhor articulação entre os diferentes utilizadores nas zonas críticas identificadas, nomeadamente nos sistemas menos resilientes;
- Integração nas atividades das entidades envolvidas do planeamento anual prévio das transferências do Alqueva para as albufeiras das bacias do Sado e Guadiana, de forma a tornar mais sustentável, económica e tecnicamente, estas transferências;
- Implementação de um caudal mínimo diário em Belver, que se mantém desde junho de 2017;
- Realização de campanhas de sensibilização para poupança nos consumos urbanos;
- Implementação de medidas nas áreas ardidas para garantir a proteção dos recursos hídricos 867 protocolos investimento de 16,42 M€ (Fundo Ambiental);
- Restrições no licenciamento para uma melhor proteção das águas subterrâneas, licenciando novas captações apenas por autorização, nos termos previstos do n.º 4 do artigo 62.º da Lei da Água, bem como o reforço da fiscalização;
- No âmbito do Programa de Desenvolvimento Rural 2014- 2020 (PDR 2020) apoiaram-se «Pequenos Investimentos na Exploração Agrícola», para mitigar os efeitos da seca severa e extrema enquanto fenómeno climático adverso, através do apoio a investimentos específicos nas explorações agrícolas em que a escassez de água comprometia o manejo do efetivo pecuário, em particular o seu abeberamento assim como a sobrevivência de culturas permanentes;
- Publicação de um conjunto de legislação de âmbito nacional e comunitário, entre eles o Despacho n.º 8683/2019, de 24 de setembro, que declara a existência de uma situação de seca severa e extrema (agrometeorológica) em determinados concelhos de Portugal Continental, que vem permitir que os produtores promovam adaptações nas suas práticas à situação da seca, sem penalizações nos seus apoios comunitários, seja no âmbito dos pagamentos diretos, seja nos pagamentos de superfície do PDR;
- Reforço da percentagem de adiantamento dos pagamentos diretos para 70%;
- Articulação com os municípios e entidades gestoras para diminuir os consumos urbanos;
- Remoção e limpeza de sedimentos acumulados em 8 albufeiras (2,36 M€ do Fundo Ambiental);
- Dar continuidade à implementação de 12 projetos que promovem a interligação de barragens de maior capacidade de regularização com as de menores dimensões, coordenados pela EDIA; previsão de conclusão até 2023; sendo de relevar para esta problemática alguns projetos que têm como objetivo reforçar o regadio, em particular, na zona do Litoral Alentejano, entre elas:

- Ligação sistema de adução Morgável, o qual vai reforçar o abastecimento ao Polo Industrial de Sines e às albufeiras de Morgavel e de Fonte Serne. Cria diversos pontos de água no território para os diferentes usos da água, nas proximidades das Ermidas, minimizando extrações de captações subterrâneas;
- Ligação Cuba a albufeira de Odivelas – Visa criar reservatório e diversos pontos de água no território para os diferentes usos, nas proximidades de Alfundão e Faro do Alentejo, minimizando extrações de captações subterrâneas;
- Ligação à albufeira Monte da Rocha – Gera um reforço das disponibilidades da albufeira de Monte da Rocha e ligação direta à ETA, origem de água de Ourique, Castro Verde e Almodôvar. Criar reservatório e diversos pontos de água no território para os diferentes usos da água, nas proximidades da Messejana e Panóias-minimizando extrações de captações subterrâneas.
- Dar continuidade aos 3 projetos de aumento do armazenamento das barragens, e implementando medidas de correção e melhoria de situações de índole estrutural e /ou hidráulico: Pretarouca (Douro), Fagilde (Mondego) e Lucefecit (Guadiana).
- Iniciados os trabalhos de elaboração dos Planos de Gestão de Seca por Região Hidrográfica, que terá por base um estudo que está a ser iniciado que vai permitir determinar as disponibilidades existentes por massa de água, sistematizar as necessidades dos diferentes setores, bem como as perspetivas de evolução futura face às alterações climáticas. Vão ser definidos indicadores de acompanhamento de secas prolongadas e a determinação do índice de escassez por sub-bacia, com a consequente atualização dos coeficientes de escassez que integram a Taxa de Recursos Hídricos, em cumprimento do que ficou estabelecido no Decreto-Lei n.º 46/2017.

Atendendo às disponibilidades hídricas armazenadas no início do ano hidrológico e face à incerteza da sua evolução em termos meteorológicos (temperatura e precipitação) é necessário dar continuidade às seguintes medidas, definidas em março de 2019:

1. Reforçar a monitorização e da sua disponibilização, nomeadamente ao nível de barragens agrícolas de interesse coletivo local e estabelecer uma metodologia, tendo base uma amostragem representativa, para acompanhamento do estado de barragens de natureza privada, contribuindo para a melhoria da monitorização da situação e apoio à decisão;
2. Continuar a promover uma melhor articulação entre os diferentes utilizadores, nomeadamente nos sistemas menos resilientes, promovendo sempre que necessário reuniões da sub-Comissão no âmbito da Comissão de Gestão de Albufeiras;
3. Dar continuidade ao planeamento anual prévio das transferências do Alqueva para as albufeiras das bacias do Sado e Guadiana, de forma sustentável, tanto do ponto de vista económico como técnico, avaliando o incremento dos consumos enquanto não exista reposição dos volumes armazenados em Alqueva;

4. Continuar a garantir a implementação de um caudal mínimo diário em Belver, que se mantém desde junho de 2017;
5. Promover campanhas de sensibilização, com o envolvimento das entidades com competências nos setores em causa (incluindo municípios e entidades gestoras), para a necessidade do uso racional da água destinada à população em geral, a agentes económicos e entidades públicas, com divulgação abrangente, Setor Urbano (incluindo o comércio), Setor Agrícola, Setor do Turismo e Setor Industrial;
6. Continuar a implementar restrições no licenciamento, nomeadamente licenciando novas captações subterrâneas de águas particulares apenas por autorização, nos termos previstos do n.º 4 do artigo 62.º da Lei da Água, para uma melhor proteção das águas subterrâneas, bem como o reforço da fiscalização.
7. Promover e incrementar os projetos de reutilização, de eficiência dos consumos e na redução das perdas na distribuição;
8. Avaliar nas regiões onde se verificaram as maiores dificuldades em garantir o abastecimento de animais em 2017, a exequibilidade de instalar pontos de água ou cisternas, associados a albufeiras de águas públicas, garantindo assim, em situações de contingência de seca, uma rede de suporte que permita uma atuação mais rápida com esta finalidade;
9. Promover os estudos que permitam o desenvolvimento e implementação de medidas de natureza estruturante em paralelo com ações conjunturais e de maior eficiência, nomeadamente para assegurar o equilíbrio entre a procura e a oferta, evitando situações de escassez e promovendo a resiliência à seca, tendo por base os cenários de alterações climáticas e a estratégia de adaptação definida na ENAAC.

Para além destas medidas e até que se comece a verificar reposição dos volumes armazenados nas albufeiras e águas subterrâneas serão ainda implementadas as seguintes medidas:

10. Acompanhar de forma regular as situações mais críticas e adotar as medidas mais adequadas com a evolução que vai ocorrendo, para mitigação dos seus efeitos na atividade dos setores e no ambiente, com particular enfoque no abastecimento público e na agricultura.
11. Suspender a emissão de títulos de novas captações de água subterrânea para uso particular, (processos em curso ficam aguardar decisão), até que haja garantia dos volumes necessários para o abastecimento público (considerando as disponibilidades superficiais e subterrâneas), em 10 massas de água, 2 na bacia do Guadiana (ELVAS - CAMPO MAIOR e MOURA – FICALHO) e 8 na Região do Algarve (QUERENÇA – SILVES; ALBUFEIRA - RIBEIRA DE QUARTEIRA; PERAL – MONCARAPACHO; ALMANCIL-MEDRONHAL; SÃO JOÃO DA VENDA – QUELFES; ALMÁDENA – ODEÁXERE; QUARTEIRA; CAMPINA DE FARO, dado que apresentam níveis piezométricos inferiores ao percentil 20 desde fevereiro/março 2019 e que são estratégicas como reservas para o abastecimento público. No imediato é criada uma task-force, coordenada pela APA com a participação, entre outros, das DRAP Algarve e Alentejo, com o objetivo de avaliar as disponibilidades existentes e a sua evolução face às necessidades identificadas e às especificidades territoriais, com particular atenção aos projetos com operações já abertas no PDR 2020.

12. Realizar, em janeiro de 2020, reuniões da sub-Comissão Sul, no âmbito da Comissão de Gestão de Albufeiras, para avaliação, e articulação entre os diferentes usos, a necessidade de implementar medidas temporárias de contingência, até que haja reposição natural dos níveis de armazenamento nas albufeiras e águas subterrâneas nas regiões a sul do rio Tejo.
13. Promover a reutilização da água ao nível dos usos urbanos, rega de campos de golfe e rega agrícola, nomeadamente de culturas perenes, com particular incidência nas regiões a sul do rio Tejo.
14. Continuar a apoiar os agricultores na identificação de soluções eficientes para o abeberamento de animais, evitando, o disseminar de novas captações, devendo ser utilizados os pontos de água ou cisternas associados a albufeiras de águas públicas ou outras origens existentes.
15. Articular com Espanha uma aplicação do regime de caudais da Convenção de forma mais regular, bem como incrementar a colaboração entre os dois países na gestão de situações de seca prolongada.